

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. . . . 20\$000  
 SEMESTRE .. . . . 12\$000

Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Um forte sopro de anarchia tresloucada se desencadeou em pavoroso tufão, alastrando a cidade de ruínas, de ensanguentados destróços de homens e coisas, vencendo os extraordinarios meios de resistencia, empregados pelo governo no cumprimento do dever de preservar a ordem publica.

Aos observadores levianos desses lamentaveis acontecimentos ocorre sempre a nota impressionista do espectáculo, que offerecemos ao estrangeiro, a triste figura de desordeiros, de mashorqueiros, de povo ainda não familiarizado aos processos da civilisação, como se, no seio dos povos cultos, que blasonam de conductores do estandarte do progresso e do aperfeiçoamento da humanidade, se não repetissem, com mais frequencia, com mais ardor e maior brutalidade, essas explosões das massas, minadas pelo mal estar, que politiqueros, agitadores de todos os matizes, agindo nas altas camadas como nas baixas estratificações do sólo social, exploram em proveito de desvairamentos theoreticos, de utopias, de interesses partidarios que são os mesmos em toda a parte.

Nesta quadra de convulsionado presente, as velhas sociedades oscillam remexidas por gravissimas perturbações, desordens, morticinios, como o dos estudantes na Italia, dos reservistas na Russia, onde, ha pouco tempo, offereceu a policia, como espectáculo de sport, a mortandade de judeus, e as continuas agitações que as gréves occasionam no seio das multidões de operarios.

E aos observadores da selvageria dos povos cultos não occorre jamais a impressão da miseravel figura que elles fazem, dando um pernicioso exemplo aos povos inferiores, uma prova negativa do valor das conquistas civilisadoras aos paizes que se estão formando pelos moldes delles, copiando-lhes os costumes e as instituições.

Esse—que dirá o estrangeiro é deprimemente da nossa virtude, dos nossos sentimentos de povo moralizado e ordeiro; induz a crer que, se não formos alvo da censura exterior, nada valeriam esses actos de subversão que

denunciam estarmos soffrendo o contagio dos achaques das velhas nações decrepitas.

Em vez de nos preocuparmos com o juizo do estrangeiro, volvamos os nossos olhos para os factos, penetremo-lhes o âmago, procurando, na fição delles, o germen do mal e os meios prophylaticos de futuros desastres, porque esse movimento anarchico, qualificado pelo *Jornal do Commercio* — *verdadeiramente popular*, não explodiria em funestos effeitos ao simples pretexto da vaccina obrigatoria, se não existisse, de facto, no seio das massas, o sedimento de amargas decepções, os residuos de esperanças mortas e essa falta de fé, que obscurece e desorienta os espiritos mais vigorosos.

O nosso povo saú dum regimen de despotismo para um regimen de excessiva liberdade, que, desde a Independencia lhe aguçou os instinctos democraticos, vencedores na organização republicana. Seria, portanto, muito natural que fosse demasiado sensível ás restricções inesperadas ou ás deturpações dos principios da sua lei organica, e ao imperio dessa fraude despuadora, que desfigura, systematicamente, a soberania nacional. E todavia, comparações feitas e contas ajustadas nos archivos policiaes demonstram que somos o melhor, o mais governavel povo do mundo.

Essas explosões são esguichos de irritado despeito de povo que não vota, e somente occorrem aqui, no centro da civilisação brasileira, que se destaca em duro contraste com o sublime aspecto das populações dos Estados, divididas em condemnados e eleitos, como os cabritos e as ovelhas do juizo final, os que comem e os que têm fome, soffrendo resignados o aviltante jugo de governadores ineptos.

Não perdoemos esses desvarios de crueldade inutil que são consequências naturaes da impunidade, num paiz, onde os crimes não inutilizam os homens; mas não calumniemos a excelente indole do povo, infeccionado de elementos máus, trazidos pelo enchurro da *immigração*, peritos constructores de barricadas, aguerridos em arruaças, sem idéaes, sem motivo, por simples amor á arte, ante os quaes foram impotentes os meios ordinarios de manutenção da ordem, apesar de confidados a dois praticos abalisados, que, sabem comose fazem e se desmançam

revoltas, e, certamente, os menos proprios para darem ao povo exemplo do valor da sancção das leis, ou, como nos quintos actos de dramalhões, do castigo do vicio e premio da virtude.

\* \*

Os alumnos da Escola Militar deveriam estar desconfiados desses perfidos *bonbons*, periodicamente fabricados no forno das conspirações. Ingenuos patriotas, basta dizer-lhes que são os baluartes da Republica, os conservadores do legado de Benjamin Constant e da memoria do Marechal de Ferro, para se atirarem de olhos fechados nas mais perigosas, nas mais absurdas aventuras.

Se esses rapazes impulsivos, valentes, tão valentes que, em um grupo de duzentos, repelliram forças muito superiores; se esses moços não têm justificação para essa reincidencia de rebeldia, não ha qualificativos bastante energicos para os seus desleaes alliciadores, que não tiveram a hombridade vulgar, o instinctivo impulso de brio para acompanhar as suas victimas ao extremo do sacrificio.

A atmospha de polvora e o ruído das balas não são muito agradaveis aos nervos bambeados nas inebriações dos applausos pelas victorias incruentas, ganhas a tiroteios de palavras e schrapnels de logares communs.

Se foram levados ao arriscado passo por convicções sinceras, pela defeza de um idéal, o dever delles estaria na vanguarda, que seria talvez o logar da morte; mas era, certamente, o posto da honra.

\* \*

O governo decretou o estado de sitio e não se lhe pode contestar a oportunidade da medida, para espremer, definitivamente, esses furunculos denunciadores de uma infecção do joven organismo da Republica.

E' de esperar que essa operação se execute sem violencias, sem excessos que machuquem; provoquem dôres e façam a doente gritar, perturbando a cura radical pela placida acção de medicamentos energicos.

Os amigos da paz, que são a grande maioria, devem confiar no criterio do governo.

EXTERIOR

*Oriente*

Da guerra russo-japonesa nos chegam amortecidos échos de escaramuças, algumas das quaes valem por batalhas, continuo d'ello de artilharia, e a attitudo ameaçadora dos adversarios, espreitando o momento da aggressão, enquanto o sudario de neve não envolve a ensanguentada região do Cha-Ho.

Assignala-se, todavia, uma importante operação — a marcha para o norte da ala direita do exercito de Kuroki, esse general lendario, cuja morte foi duas vezes affirmada pela imprensa moscovita, procurando atacar a esquerda do exercito do Csar, doze milhas a leste de Mukden.

O heroismo dos defensores de Porto Arthur, tão duramente provado, attinge ao paroxismo. Uma torpedeira evadida para levar noticias da praça, parece haver confirmado esperanças de resistencia, apesar dos estragos feitos pela artilharia dos sitiados e do ferimento do general Stoessel. Outra versão affirma que escassearam viveres e munições, de sorte que a praça não poderá aguardar a chegada da esquadra, em accidentada e tragica viagem para o theatro da guerra.

\*\*

*Na Europa*

Occupa-se o telegrapho com a viagem dos reis de Portugal á Inglaterra, fidalgamente hospedado pelo magnifico Eduardo VII, concluindo os dois soberanos um tratado dos que estão agora em moda, nas relações internacionaes europeas, demonstrando um vehemente movimento sentimental em favor do arbitramento.

\*\*

*Os nossos vizinhos*

Afóra algumas gréves na Argentina, e a revolução no Paraguay, passam todos muito bem. Uma commissão organizada em Buenos-Ayres, composta do bispo Roméro, drs. Zeballos e Roque Saens Peña, partirá para a Formosa, muito esperanças de demover a teimosia dos revolucionarios e concluir uma paz honrosa.

POJUCAN

## HOMENS E COISAS DOS ESTADOS

ARTHUR ACHILLES

Comprender o mundo para, de frontando as formas superiores da vida, realizar a victoria da intelligencia, não se deparou problema irreductivel, ao espirito que ora celebramos nestas linhas.

No evocar a sympathia de uma gratidão, a memoria, despertando o sentimento, aviva, de esquecidos tempos, impressões suppostamente apagadas. E se, no deslocar das posições, no ruir dos planos sem realidade, a dor substitue a visão deslumbrante, para amargura desse roteiro sem extremos conhecidos, que nós chamamos — vida — mais sobreléva amar os poucos momentos de retrocesso aos bons enleios da alma, em communhão com outras de verdadeiras fulgurações de talento.

Que o merito, perpasse, nocalor das paixões, indifferente á faina industrial do parvoalho, mantendo a vertical da propria força, com o sacrificio da propria vida.

Não quer dizer, com tanto, estar terminada a historia; não ha, tambem, a registrar uma morte definitiva; pois, o capricho da inveja falha, se visa um merecimento capaz de avantajarse ao seu tempo.

Poucos conhecem, e, desses, alguns apenas conhecem bem Arthur Achilles, o jornalista parahybano, um talento que dispensa adjectivos barateados na apologia da mediocridade absorvente e triumphante, tão incaracteristica pela justiça, como notoria pela presumpção.

Não prendeu ainda a attenção nacional, por facto notavel, a Parahyba do Norte, onde vive.

E' um Estado longinquo e pobre. Não avulta no parlamento, em tropa, nem se arrisca em lutas. Amortece silenciosamente, sem gemidos formidaveis, quando mesmo a fome e a sede o surpreendem sem recursos. No escaldante das seccas que o infelicitam, deixa-se, quietamente, em somnolencia — irmão docil da familia brasileira. Não pertence ao bando dos filhos dilectos, é modesto e, por isso, sempre esquecido.

Affirmar-se que soffre uma injustiça da natureza, ou uma tyrannia dos homens é perder bellissima occasião para não falar. E dizemos assim, porque as fórmulas da egualdade politica são horisontes de luz, que não alcançam depressões de fortuna. Pairam nos alterosos pincaros — paulistano ou mineiro — illuminando rebanhos que pastam felizes, no descuido da justiça, alimentando-se solertes nos ubertosos valles.

Quando murmuram os famintos, redobram de voracidade, branqueando os cimos. Tal se me afigura mais ou menos esse ajuntamento de Estados, em desproporções assombrosas para o sentimento patrio.

Entretanto, digamos orgulhosos, no desolado paiz da fome, se não ha abundancia de esplendidas searas, lourejando em vastos campos, o espirito humano assume a resistencia inaudita para o combate e para a conquista das formas sobrenaturaes das sociedades cultas.

Arthur Achilles, a quem queremos alcançar com estas palavras, é a affirmação das qualidades eminentes de uma epocha, entre os seus coestadancs.

Elle consubstanciou a aspiração popular, enriqueceu-a com o seu talento, e havemol-o encontrado formidavel em todas as situações.

Por mais que divague a opposição á sua inexhaustivel propaganda, não perlustra a nossa historia caracter

mais accentuadamente evolutivo para corrigir a normalidade das transigencias do povo com a prepotencia dos mandatarios.

Homem de pensamento, deslaçado dos preconceitos do meio onde milita, ascendeu da modestia de uma vida sem preconicios de elevadas posições, ao brilhantismo da direcção intellectual de um geração.

E' o seu posto de honra.

Como nos revéla em periodos de franqueza, a sua vida é sóbria e simples.

« Empregado obscuro de uma casa commercial, presto ao meu patrão os serviços que elle de mim exige, pagando-me o bastante para minha subsistencia que váe rolando sem calotes ao açougueiro, que me fornece a carne verde, ás vezes, de má qualidade; nem ao vendeiro, onde me provejo de manteiga para o pão, nem ao padeiro que toda a manhã m'o leva á porta, recebendo, immediatamente, a respectiva importancia.

« Fôra dahi, as horas que me restam disponiveis, desde 7 da tarde até meia noite, 1 e 2 horas da manhã, emprego-as na factura deste jornal (*O Commercio*) onde me considero o homem mais independente deste mundo, acercado de uma pequena banca, a dizer o que penso, e o que sinto de tudo quanto diz respeito ao futuro desta terra.

« Esta faina tem me válido muitos desgostos; mas que outro sacrificio posso eu depositar no altar de minha patria? »

Nenhum, respondemos; e outro mais alto não existe, para dignificar a intelligencia a serviço da humanidade, como quer que esta seja representada.

Ninguem néga a Arthur Achilles o ardor productivo de um polemista extraordinario, individualidade litteraria para brilhar no mais adiantado circulo de idéas.

A sua polemica não se exerce no campo ingrato das retalições pessoas, ou do jogó improficuo de premissas que armam o effeito á feição de interesses baratos. E' exacto, sem ser sentencioso, sincero, sem excessos de exaltação. Não alardeia principios de apoucada philosophia, infirmados e vacillantes, senão descreve com verdade ou condemna de boa fé.

Na vida de uma provincia, onde a natural desconfiança transmite máus intuitos a toda a conducta publica, as ambições inferiores se multiplicam em astucias para trancar a palavra e restabelecer o silencio propiciatorio do crime.

Ao contrario do destino dos governos que gravitam para a ordem, instrumentos ha dos povos, incapazes de seguir a directriz dos compromissos assumidos, pela infeliz casualidade

que lhes commettem investidas de solemnes responsabilidades. Mas, ao proposito da força contra a idéa, resgatam as gerações o direito á liberdade, independendo da vontade de alguns mancos estadistas.

A acção da palavra é incalculavel, e néga, aos fracos de espirito, o brilho dos effeitos, o esplendor dos deslumbramentos apreciaveis.

Si a truculencia das tyrannias suppõe exterminar a idéa escripta, para alimento dos povos, é porque espera, no amortecer ephemero da liberdade, um consolo á impotencia da propria vida. Invisivel, porém, e constante, o sentimento da justiça purifica os homens, para lembrar ao mundo quantos serviram de victimas para o triumpho do pensamento.

As sociedades, importantes ou pequenas que sejam, não se differenciam ao ponto de transformar as grandes leis.

E o esforço que despede scintillas, no tumulto dos grandes centros populosos, como a palavra de Gladstone, é igual á penna humilde do jornalista provinciano, reivindicando, no desconhecido da vida nacional, a mesma liberdade, o mesmo direito, a mesma justiça.

Arthur Achilles, na Parahyba, como João Brigido, no Ceará, valem o seu tempo.

A sua alma voltada sempre para a luz, tem educado os moços de sua terra, na independencia de sua palavra energica. Outro conselho não tem, e si se lhe antolham caprichos mesquinhos da cidade, a qual serve generosa e desinteressadamente, o seu primeiro gesto imprevisto é o da verdade. Quem o vê assim, delicado e simples, feição de franqueza extrema, lembrando algo de Daudet, ten: difficuldade em penetrar o âmago de um talento fidalgo, com irradiações superiores.

A cidade philippéa o conhece bem, e o admira. Sob a impressão das misérias que a degradam, a inclemencia do clima ou a avareza dos homens, todo o povo lê o jornal de Arthur Achilles como quem repete as proprias palavras, balbucia os mesmos queixumes que a penna do jornalista transfere para a vida collectiva.

Na intimidade, um puro.

Ao carinho do lar, no extremo dos affectos, não descamba na negligencia pelos entes do coração. Sempre o conhecemos impetuoso, na luta, modesto, no poder, conciliador e conselheiro para a mocidade, solícito para a familia.

Para desanimar o trabalho, não tem palavras, para vender o sacrificio dos que se lhe chegaram no perigo, não presta o seu character de eleito do espirito.

Num parenthesis, culmina, brilhantemente, nessa bôa prática do adver-

sario, obrigando-o a render homenagem, involuntaria, ás vezes, á integridade de suas opiniões.

Podendo fugir á estreiteza ou logar onde nasceu para procurar melhores compensações noutras terras, não declinou do patriotismo, e acceitou, sublime, a luta para fazer de um povo sem vistas, numa somma de energia para o progresso.

FRANCISCO CARNEIRO DA CUNHA.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### O TRATAMENTO DO CANCRO

O millionario americano Crocker exigiu judicialmente do famoso cirurgião, dr. Doyen, a restituição de cem mil francos pagos para a cura da mulher atacada de um cancro no seio, visto estar provado a inefficacia do serum empregado como remedio infalivel.

O incidente judiciario provocou uma discussão sobre o serum, e levou á ordem do dia no Congresso de cirurgia, reunido em Paris, a cura do cancro, e a Academia de medicina pôz em concurso para o anno vindouro o estudo dos effeitos therapeuticos dos raios X sobre o terrível neoplasma.

O decano da faculdade de Paris affirmou que, no estado actual da sciencia o cancro é incuravel, mas essa desconsoladora sentença depende de confirmação que, talvez, surgirá negativa das applicações dos maravilhosos raios X e do serum do dr. Doyen, que pretende ter descoberto o germen do cancro, por elle denominado — *micrococcus neoformans*.

O dr. Doyen affirma a efficacia do seu serum, mas profissionaes notaveis, como o dr. Poirier, a contestam, allegando que a existencia do *micrococcus* não foi demonstrada. Demais, os casos de supposta cura pelo serum, cujo processo é segredo do autor, consistem em doentes operados, de modo que não se pode affirmar se os resultados favoraveis são devidos ás injecções ou ao bisturi. Doyen retruca que, sendo o cancro um neoplasma, a extirpação dos tecidos compromettidos apressa a acção benefica do serum.

O dr. Calmette declarou, em uma carta, que o microbio de Doyen por elle examinado, era a seborrhéa do coiro cabelludo, mas Doyen observou que aquelle microbio, como o seu, não se liquefaz na gelatina.

No Congresso de cirurgia, o dr. Tuffrei falando sobre o tratamento do cancro, declarou que não havia obtido resultado algum com o tratamento pela radiographia, quando se tratava de cancros do estomago, do figado, dos rins.

Nessa occasião, o dr. Doyen subiu á tribuna; distribuiu profusamente a sua brochura — *Etiologia e tratamento do cancro*, e tomou a palavra em defeza do seu processo, e disse, em resumo: que tinha encontrado em todo o cancro, desde 1901, um microbio identico que denominára *micrococcus neoformans*. Descoberto o microbio, procurou e achou a vaccina e o serum anticancerosos. Explicou o seu processo e concluiu affirmando que tratára 242 cancerosos, dos quaes 46 estavam ainda em observações, de 20 não teve noticias; 120 não saráram, porque o tratamento começára muito tarde, ou fôra interrompido contra a vontade do medico; 6 morreram de molestias intercurrentes; 42 dois foram curados e podem ser examinados pelos que pozerem em duvida o facto.

O dr. Doyen terminou a sua exposição, convidando os collegas a examinarem serum e doentes na sua enfermaria.

O Congresso, por seu presidente o dr. Pozzi, deliberou nomear uma commissão para estudar o tratamento e cura do cancro.

Os celebres cientistas Metchnikoff e Roux, do instituto Pasteur, Czerni e von Bergmann, vão estudar o tratamento nos doentes apresentados pelo dr. Doyen, enchertando fragmentos de néplasma.

Opportunamente, daremos conta aos nossos leitores dos resultados desses estudos de importancia inestimavel para a debellação da terrível molestia que, se bem menos frequente no Brazil que nos paizes europeus, principalmente naquelles em que a cidra é muito usada, tende a desenvolver-se, como têm observado os nossos clinicos mais competentes.

### INDUSTRIA PASTORIL

O clima e o territorio de todo o sul do Brazil são admiravelmente favoraveis ao desenvolvimento da industria pecuária; mais vastos e mais favoraveis que os da Australia e Nova Zelandia, sujeitos a seccas devastadoras. Queenstande está agora restaurando a sua industria pastoril quasi anniquilada por sete annos de secca. Contam-se por milhões os carneiros victimas, annualmente, desse flagello.

E, deante das admiraveis planicies, das ondeadas colinas, fartamente regadas e providas de forragens, occorre indagar porque não se povôam ellas de rebanhos; porque não attrahem o capital estrangeiro para essa industria primitiva, facil, e de resultados assombrosos?

As estatisticas consignam que, durante o anno passado, a renda de lã foi: na Republica Argentina, de £ 4.000.000; em Nova Zelandia, £ 3.500.000; na Australia, £ .. 16.000.000.

Levados em conta os males apontados e a distancia dos paizes oceanicos aos centros consumidores, é logico deduzir que, no Brazil, por sua proximidade da Europa, aquella industria obteria lucros maravilhosos, mais certos e compensadores, que os empregados nas aventuras das mizas de ouro.

O capital estrangeiro permanece desconfiado do Brazil e se canalisa para regiões longiquas, em primeiro logar porque não temos justiça garantidora da propriedade, nem merecem esse nome as organizações de magistratura ao serviço dos governadores; em segundo logar por serem as industrias exceptantes fulminadas por um systema de impostos, essencialmente prohibitivo, e, peor do que isso, incerto, augmentado de anno a anno, como, sensatamente, observou um Neozelandez, no penultimo numero da excellente *The Brazilian Review*.

Um creador paga uma taxa pelo carneiro abatido e outra pelo exportado, além do excessivo frete, da difficuldade de obter praça nos caminhos de ferro, e das medidas vexatorias que constituem os meios regulares de arrecadação do fisco municipal e estadual, aphyxiando, no nascedouro, as mais esperançosas tentativas das pequenas industrias.

E assim se sacrificam a opulencia e a felicidade do paiz a uma politica inepta e antipatriotica que faz recordar, com saudades, o regimen de governo dos tempos coloniaes.

#### A POLICIA NO THEATRO

E' uma instituição *sui generis* a policia do Rio de Janeiro.

E' facto que a mais subalterna das corporações guarda, entre seus membros, um espirito vivissimo e nobre de solidariedade, que a policia regeita e menospreza, como prova, aliás, da sua pessima organização.

Successos diários mostram que as associações existentes nesta terra zelam o bom nome e a reputação propria — vedando a chalaça, o ridiculo, a critica injuriosa sobre seus homens, seus actos mais publicos, suas mazellas mais notorias: só a policia do Rio de Janeiro parece exultar ante esses ultrages aos seus membros, os quaes, infelizmente, repercutem sobre toda a instituição, desprestigiando-a escandalosamente.

Mal se comprehende que seja a policia desta capital, tão necessitada de solidificar a sua reputação, cada dia mais comprometida pelos que mais deviam de zelai-a, a primeira a rir indifferente, num despudor revoltante, ante graçolas que a tisnam, que põem a rir a sua venalidade, a sua incompe-

tencia, o máu nome dos que a malservem, bem servindo-se dos cargos de que ella os investe para regalo de suas torpezas.

No penultimo carnaval, a população carioca viu aspirantes, marinheiros e officiaes desconjunctarem o prestito que se aproveitava dos insuccessos da marinha, para fazer rir, com ferinos enxovalhos á classe, os nossos compatriotas boçaes e os estrangeiros, que assim recebiam, de nossas proprias mãos, num dia de embriaguez e de deboche, o attestado do nosso espirito extravagante, zombeteiro da propria decadencia. Eguaes investidas reparadoras têm partido da mocidade das escolas militares, num numero crescido de vezes, e de quantas corporações que, ciosas do seu credito e nomeada, não consentem em fazer do máu exito de suas empresas pasto de chalaça deslavada. E todos esses factos seriam evitados si a policia, desvelada pelo seu renome, comprehendesse o instincto salutar de solidariedade, que enlaça os membros das demais corporações, os quaes bebem nessa fonte a sua força e o seu prestigio, e nella conquistam a unidade, que lhes valem muitissimo nas grandes refréguas e nos máus dias.

A policia, porém, mostra-se abaixo desse espirito elevado que, enaltecendo as outras instituições, é por ella repudiado ignobilmente.

O *Badalo*, revista que é o deleite da mandriagem carioca presentemente, dá-nos uma triste amostra, entre muitas que nos seria facillimo colher, desse espirito dissolvente da nossa policia malfadada. Ha alli uma successão de scenas reproductoras da venalidade da policia; por qualquer gratificação obtem-se a indifferença, senão a cumplicidade do policial até então cioso da sua *auctoridade*; sobresae, porém, num destaque irreverente, pusilanime, no ultimo acto, a cantiga indecorosa da *mulata* relatando os prodigios e a fecundidade dos *cento e dezesete mil reis* do seu homem — os quaes lhe proporcionam conforto, luxo e honrarias.

A allusão é clarissima; desabrócha o riso no auditorio a bandeiras desprezadas, e, para solemne irrisão, a maioria desses espectadores é composta do pessoal da rua do Lavradio, desde o delegado da mais alta investidura até o derradeiro apaniguado, mettido na excentricidade do seu hediondo chapéo de abas largas, e ostentando a pujança inconsciente do bengalão justiceiro.

Edizer-se que á policia compete fiscalisar os theatros, compete consentir na representação das peças, supprimindo-lhes os pedaços affrontosos da moral publica e do respeito devido aos poderes publicos. Ou aquelle individuo é um criminoso e a policia deve banil-o do seu seio, para honra sua, e, apesar disso, não admittir que se faça do descalabro de uma reputação, motivo para

que por ella se possa suspeitar da honestidade das outras; ou elle é um innocente e, como tal, devia estar garantido de tão injuriosa diffamação. Em qualquer dos casos o papel da policia nos theatros é muito desfavoravel á dignidade propria.

Este é o facto. E o assignalamos sem a menor intenção de assentar doutrina. Simplesmente contamos um curioso e manso despendimento da policia, que, no *Badalo*, ri da propria desgraça, e menos ainda sabe quando deve fazer a *censura*.

## O ALMIRANTE (7)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

### CAPITULO IV

Depois do jantar, vencida pela fadiga e macerada pelas impressões daquella tarde, Guilhermina contemplava, melancolica, o marido, sentado ao lado della, quasi adormecido numa modorra de homem satisfeito e seguro de seu destino.

— Tu não te consagras á politica como deverias — observou ella de subito, como se deduzisse de uma secreta série de idéas.

— Não tenho geito para isso, minha querida — respondeu o antigo tropeiro, arrancado do delicioso torpor — Estou muito contente com a minha obscura posição na camara, uma especie de cargo honorario: não me tomando tempo, nem me sujeitando a maçadas... Eu não tenho geito para essa entrigalhada. Basta que dê conta do meu districto. Quando peço alguma coisa para os meus amigos, sou servido porque peço pouco e porque não ando a bajular.

— Não é dessa baixa, dessa politica rasteira que falo: refiro-me á alta politica na camara, no senado, nos conselhos da corôa.

— Não tenho geito para isso...

— Mas tens dinheiro...

— Ora, mulhersinha — continuou o marido depois de longa pausa — Tu queres metter-me em alhadas. Se saio das encospias, arrisco-me a não dar conta do recado. Serei obrigado a iniciativas estranhas aos meus habitos; serei obrigado a tomar a palavra...

— Ha deputados silenciosos, senadores mudos de grande prestigio. Não falam, mais trabalham. Não é sómente com discursos que um estzista serve á sua patria. Demais, tu podes, sem termos empolados, em linguagem de quem conversa, discorrer sobre o plantío do café, sobre o que é essencial para o desenvolvi-

mento da lavoira, da industria pastoril, que conheces como ninguem. E todos dirão que não és orador, que não tens dotes de palavra, mas que tens muito criterio, que és um homem pratico, de bons conselhos.

— Não te basta a nossa vida socegada, feliz?...

— Não, não basta — respondeu ella, exaltando-se.

Eu quero ver-te muito alto, lá em cima, entre os mais eminentes, os mais notaveis...

— E tu ao meu lado.

— Sim, conquistaremos pela politica aquillo que não se consegue com o dinheiro — a notoriedade, o nosso sonho de grandeza.

Desde esse dia, Guilhermina empenhou todos os seus recursos de mulher superior na execução do plano que a dominava como uma idéa fixa. Tornou-se assidua frequentadora do paço; apparecia em todos as recepções dos homens da superficie brilhante da sociedade carioca; angariou relações preciosas dos proceres da politica militante; lia os jornaes; acompanhava com interesse as discussões importantes, os debates parlamentares, de sorte que, em breve tempo, estava, plenamente informada dos homens e das coisas e conhecia o meio, como d. Eugenia, cujo auxilio muito lhe valeu para se familiarisar com os mysterios da arte de governar povos.

As suas prodigalidades principescas, os seus encantos de primor fizeram de seus saíões o mais apeteido nucleo intellectual da côrte, irradiando esplendores onde ella se exhibia ao culto dos adoradores com prestigio de deusa numa apothese.

Não foi difficil eleger o marido membro da commissão de agricultura: era o caminho mais curto para chegar ao ministerio.

Attribuiram-lhe a luminosa idéa da propaganda do café no exterior; da fundação de fazendas modelos onde fossem experimentados todos os processos modernos, a organização de agencias de immigração para supprir os braços que tinham escasseado, sensivelmente, depois da libertação do ventre escravo e a expansão da rêde de caminho de ferro, pois estava convencido e repetia com sentencioso entono, de que o principal inimigo do progresso do paiz erão as distancias, recordando, talvez, as mortificantes caminhadas no costado de burros roncios no processo lento de tropas que elle conduzia através de sertões infundaveis.

Um dia, na tribuna da camara, um deputado, orador de pólpa, terminou o seu discurso com estas palavras fatidicas para a fama do barão: Como bem disse o illustre barão de Uberaba, sr. presidente, o grande inimigo deste

portentoso paiz, tão descurado pelos governos, é a distancia.—

Os deputados applaudiram, calorosamente, voltando-se para o barão, que se encolhêra modestamente na sua cadeira. Aquella phrase completou-lhe a notoriedade.

De facto, as idéas do Uberaba erão idéas da mulher que, como bôa esposa, lhe attribuia a paternidade dellas, dizendo sempre: meu marido pensa, meu marido entende, meu marido resolveu, quando era ella quem pensava, entendia e resolvia com esse fino instincto, que as senhoras cultas possuem e as guia como lucida intuição, nos mais difficeis transes da vida, na familia e na sociedade.

Aconteceu, não raro, encontrar-se o barão em lances atrapalhados nas discussões no seio da commissão; elle, porém, adoptára a manha de sorrir com certa bonhomia repassada de superioridade desdenhosa e conduzia, invariavelmente, com ligeiro tom de misericordia — Theorias, meu caro collega. Theorias.. Eu cá sou um homem pratico.

E assim se crystallizou, rapidamente, o conceito do firme criterio do homem, do seu valor velado de modestia e da sua inabalavel honestidade de especimen da velha tempera, rija e bôa, dos de quebrar mas não torcer, qualidades que ficaram em evidencia rutilante, quando, em aparte, fez a sua profissão de fé, exclamando:

— Sou homem de governo, mas os interesses da patria estão acima de tudo. De resto, a politica não tem entranhas...

Isto se deu quando, figurando pela segunda vez em uma lista triplice, adoçando o golpe com o titulo de marquez, o Imperador o preterira. E Guilhermina, apesar da insigne graça recalçando o despeito que lhe fervia no coração, relembra o lapis fatidico, o fatal instrumento da teimosa ogerisa contra os homens superiores, entrando ao marido a entrada no Senado, onde a perpetuidade lhe daria independencia para agir com mais firmeza, reservando a cadeira da camara para Oscar. Era indispensavel trocar a tactica de passividade conservadora por uma attitude aggressiva, temivel, pouco de acordo com os habitos e o temperamento do marido. O Imperador — pensava ella — não faz caso dos homens que se não fazem temidos.

Mas, não sendo o marido homem de opposição, era forçoso impellil-o para a frente, dando-lhe destaque na propaganda abolicionista, que então se apresentava com o programma de libertação dos escravos velhos.

Em vão, elle ponderou que a lei Rio Branco bastaria para satisfazer as

aspirações nacionaes; que seus effeitos aceleravam a extincção da escravatura e que não era prudente dar vigor á propaganda que exigia mais, uma loucura, um perigo, cujas consequencias se não podiam prever — a ruina da lavoira, a anarchia. Demais, daria elle, grande proprietario de escravos, um pernicioso exemplo, afastando-se de seus amigos politicos que repelliam o programma do gabinete Dantas. Guilhermina tentou suffocar-lhe a resistencia com um morno amplexo apaixonando, e murmurou-lhe com a voz abemolada que o remexia por dentro:

— Não vês, meu marido, que ahi vem uma onda irresistivel que a corôa pretende desviar com esse programma sem consequencias, irrisorio, ridiculo, para mostrar que não é infensa ás idéas vencedoras? Não percebes que homens notaveis, como Cotegipe, consomem o seu genio em resistencias inuteis para retardar o facto que vencerá o prestigio das chamadas classes productoras, porque é inevitavel? Cêdo ou tarde os nossos escravos estarão, irremediavelmente, perdidos.

Será uma inepcia ficarmos com os vencidos na junta do couce, com os retardatarios rebeldes á evidencia das coisas. Incorporemo-nos, em quanto é tempo, aos vencedores d'amanhã para não fazermos o ridiculo papel de partidarios da ultima hora, partidarios da victoria.

— Neste ponto, minha amiguinha, tem paciencia. Esta cabecinha bonita está cheia de caraminhólas...

— Consideras ridiculo lavar a mácula que degrada a nossa patria?

— Theorias, theorias...

— Serás um benemerito. O nosso nome ficará na historia...

— E a lavoira? Quem apanhará o café, onde encontraremos trabalhadores para as nossas fazendas, as nossas minas?

E a immigração?...

— Theorias. O governo tem gasto um dinheirão surdo, mais de duzentos mil contos para colonisar o sul; trata os colonos á vela de libra e somente conseguiu fundar meia duzia de colonias de luxo.

Lembras-te do resultado dos meus esforços de propaganda em favor do café no estrangeiro, das minhas agencias de immigração?... Tem paciencia, queridinha... Tu já me metteste na politica, onde somente cólho dissabôres: nisso da patuléa abolicionista, na extorção da propriedade é que não entro...—

Todo o sangue do antigo tropeiro lhe afflui ao rosto. Elle percorria, agitado, o vasto salão, e lançava, a furto, olhares indagadores e timidos sobre a mulher que, silenciosa e triste, não insistia por saber o que seria inutil, quando elle tinha esses violentos im-

petos de resistencia. Era preciso deixar passar a crise para dominal-o exaustado pelo remorso de magôal-a com uma recusa.

—O caso — ponderou elle, acercando-se de Guilhermina—não é para tristezas. Era o que faltava vir essa maldita politica perturbar a nossa harmonia. Vamos lá. Que queres? Que me sacrifique, abandone os meus amigos, embarque nessa aventura, desminta o meu passado? Esperemos um pouco; é a opinião do conselheiro Antonino, que tem faro e não confia na sorte do gabinete. Não te zangues commigo, minha adorada. Eu te provarei que não sou escravocrata. E para que não digas que discordo de tuas idéas.

O marquez de Uberaba caminhou commovido para uma pequena secretaria da mulher e, com mão tremula, escreveu em elegante papel de correspondencia feminina com larga e forte letra, algumas linhas.

—Aqui tens, meu amor.

Guilhermina leu com olhos razos de lagrima o papel, que oscillava nas suas mãos tremulas:

«Os marquezes de Uberaba declaram que, nesta data, libertam todos os seus escravos maiores de cincoenta annos.»

E, de um salto felino, enlaçou-o nos braços, beijou-lhe as faces rubras, murmurando: — Deus te recompense. Neste papel derramou-se o teu coração de ouro. Tu és a minha gloria, meu adorado marido.

No outro dia, os jornaes publicavam a noticia da estupenda acção humanitaria, que repercutiu no parlamento como um brado subversivo e na casa imperial como generoso exemplo de um cidadão benemerito. Mas, o marquez não abandonou os seus amigos da coalisção que, dentro em pouco, derrotou o gabinete liberal.

Dessa vez, tivéra razão contra as phantasias, as theorias da mulher, muito resignada á derrota. Não colheu, porém, as vantagens desse passo de habil politico, porque a morte o surpreendeu quando, no doce recesso do Paraiso, architectava com a formosa companheira novos planos de desenvolvimento dos elementos que a fortuna politica lhe deparava.

\*  
\* \*

A marqueza, que detestava a roça, procurou, na solidão de uma fazenda longinqua, esconder o seu lucto, a sua magoa pelas illusões, cruelmente rôtas, as suas sublimes aspirações, o seu sonho de grandeza e de gloria sepultados no tumulo do marido.

(Continúa)

### OS TREZ PERIODOS DO GOVERNO REPRESENTATIVO E CONSTITUCIONAL NO BRAZIL.

#### III

Provas irrecusaveis de não ter havido, no Brazil, governo representativo e constitucional, durante o primeiro periodo, que se estende da fundação do Imperio até a revolução de 7 de abril, a historia exuberantemente nos fornece.

Uma analyse succinta e rapida verificará o facto.

D. João VI, não queria mais regressar a Portugal; havia, muitas vezes, dito que fundaria na America um vasto Imperio; considerava o Brazil — o seio de Abrahão, onde, feliz, desfructava santo ocio, que não o perturbava a turbulencia da irrequiéta diplomacia na diplomacia na Europa.

Desde que Napoleão, sahindo fulminado de Waterloo, como Prometheo, ficou agrilhoado no rochedo de S. Helena, e a paz geral restabeleceu-se entre a França e as outras nações, varios soberanos pediram ao rei de Portugal que voltasse aos seus antigos dominios, abandonando a colonia brazileira, que elle convertera em reino.

O rei da Inglaterra era um dos que mais fervorosamente redobrava a insistencia, chegando até a enviar, ao Rio de Janeiro, uma esquadra, sob o commando de sir John Beresford, para acompanhar el-rei.

D. João recusou o obsequio e quedou-se na sua côrte. Elle amava a obra, feitura de suas mãos, isto é, a força de cohesão dos elementos da unidade nacional, que havia formado, reunindo as provincias ao centro — o Rio de Janeiro.

Ora, mudar a residencia para Lisboa importava prejudicar a obra começada e já em pleno desenvolvimento. Demais, via no regresso muitos males, que tinha a peito poupar ao povo brazileiro. El-rei não confiava tambem na estabilidade da paz: julgava a Europa agitada, ainda, pelos residuos da grande revolução franceza, pelos males, originados das diuturnas e devastadoras guerras de Bonaparte, pelos interesses e ambições da *Santa Alliança*, que pretendia impor-se dominadora; tudo lhe parecia incerto e perigoso. No Brazil estava seguro e tranquillo.

Por outro lado, el-rei reputava de grande conveniencia permanecer no Brazil, attentando nas frequentes aggressões das colonias hespanholas, que o cercavam, principalmente depois que a Hespanha o havia ameaçado — si não se retirasse da margem oriental do Rio da Prata o exercito luzo-brazileiro.

D. João dizia — que a idéa de transferir a côrte portugueza para o Brazil não tinha sido sómente sua; fôra aventada no tempo de d. João VI e renovada pelo ministro de d. José I, por conseguinte, que não havia nenhuma novidade em conservar-se nos seus dominios da America.

Mas, quando a revolução liberal do Porto irrompeu, proclamando o regimen constitucional, el-rei viu-se coagido a abandonar as plagas da Guanabara; assim mesmo tentou evitar de beber o calix de amargura; pretendeu enviar o filho d. Pedro para pacificar os espiritos dos patriotas Fernandes Thomaz, Ferreira Borges e outros, que queriam estabelecer no reino o regimen constitucional e reunir cortes constituintes (1).

D. João, perplexo, não sabia que resolução tomar. O conde dos Arcos, um de seus conselheiros, que já previa a proclamação probabilissima da separação e da independencia do Brazil, e preferia que essa fosse feita por d. Pedro, empregou esforços em persuadir a el-rei de ser um grave erro mandar d. Pedro — uma creança — arriscar-se no meio da guerra civil, em que se abrazava Portugal; o caso exigia a presença autorisada do rei e não do principe, que seria absolutamente improficua.

D. João cedeu á razão e ao bom senso; resignou-se e partiu, deixando d. Pedro, como seu lugar-tenente e regente do reino americano. Venceu o conde dos Arcos, que calculava inspirar, dirigir, ou governar o principe, collocando-o á frente dos brazileiros, que aspiravam realisar a Independencia. As intrigas, que sobrevieram, effectivamente impediram o antigo governador da Bahia, o fuzilador do padre Roma e de outros patriotas da revolução pernambucana, de colaborar na proclamação da Independencia, porque, antes, o conde dos Arcos foi violentamente prezo e deportado para Portugal.

D. Pedro, recente, exerce o governo; governa e administra segundo a legislação antiga e as normas e praticas do regimen absoluto.

José Bonifacio, chamado pelo regente a fazer parte do miuisterio, não governa sinão com a legislação antiga: abuzá prodigamente dos alvarás de crime de lésa magestade, das devessas em larga escala, emfim de todos os aparelhos do feróz despotismo do marquez de Pombal. José Bonifacio, si não podia governar com leis constitucionaes, por que não as havia, devia, inspirando-se nas idéas da liberdade moderna, não empregar os instrumentos da tyrannia, cobrindo-os com o manto das hypocrisias do liberalismo.

(1) Historia da Revolução do Porto.

Proclamada a Independencia, ainda continúa o mesmo regimen absoluto.

A Constituinte de 1823 não teve tempo de alterar a legislação vigente, nem de fazer a constituição, sendo dissolvida pela força armada, antes de desempenhar a sua augusta missão.

E' evidente que de 1822 até 1824 o governo não foi constitucional, por uma razão muito simples,—porque não havia constituição, a qual só será promulgada a 25 de março de 1824; assim também não funcionava a assembléa legislativa, e a primeira, que se reunirá, será em 1826.

O Imperador e seus ministros governaram o paiz, até 1826, pelas leis normaes do regimen antigo. Esse primeiro periodo, é, innegavelmente, a prolongação do governo da realza absoluta, irresponsavel e

E o facto da reunião das camaras legislativas, em 1826, alterou as normas até então seguidas?

Não; a prova acha-se nas proprias discussões da camara temporaria e nos actos do ministerio de 21 de janeiro.

Como o Imperador, d. Pedro I e os seus ministros entendiam e applicavam a constituição de 25 de março?

Applicavam-na com o espirito, com a tradição e a maneira do regimen da realza absoluta.

O que prova que o governo imperial não era sinão o prolongamento do governo absoluto.

Não podia ser de outro modo. D. Pedro e seus ministros foram educados na escola desse regimen despotico e irresponsavel; habituados a exercer o poder illimitado, de certo não podiam de repente sujeitar-se a um regimen de acção limitada, circumscripta pela lei constitucional numa esphera, que exclue o absolutismo.

E vê-se logo da maneira, pela qual procede com a camara, que lhe pede CONTA da marcha, ou do estado dos negocios publicos.

Dar o governo conta de seus actos, quando o Imperador é que tem o direito de governar, direito tradicional, transmittido por seus predecessores? !...

E' claro que Imperador e ministros, interpretam a propria constituição de 25 de março muito ao contrario do poder limitado; desconhecem os *contra-pezos* do regimen.

Ora, a educação da liberdade civil e politica, devéras não se improvisa; é lenta; precisa de longo tirocinio e de paciente coragem.

Mostramos no artigo precedente a resposta do ministro do imperio, negando *in limine* competencia á camara para exigir que o governo lhe dê *conta* da marcha dos negocios publicos. Resposta, porém, absurda e contradictoria, porque, negando, promete informar pontualmente sobre certos assumptos especificadamente.

Está entrando pelos olhos — que o governo não quer, dessa forma, reconhecer a competencia da camara: reserva-se o direito de limitar a *conta* pedida a assumptos indicados a seu bel-prazer.

Essa resolução mesma, é um ardil — si a camara se contentar com tal condescendencia, *ipso-facto* reconhece a sua incompetencia e o governo continúa a exercer acção illimitada, como dantes.

Muito custou a tomar essa astuta resolução.

Contavam os contemporaneos—que o primeiro impulso do Imperador foi repetir a lição, que dá a constituinte de 1823; mas, acceitando o conselho do secretario florentino, d. Pedro fez-se —VULPE.— Praticando a doutrina machiavellica, entreteve uma controversia com a camara durante alguns dias, emfim; compenetrrou-se da imprudencia de dar um novo golpe de Estado.

A camara, porém, comprehendeu que não devia ceder, que tratava-se não só do seu direito e dignidade, mais ainda de sua propria existencia, como um dos ramos do poder delegado e representante da soberania nacional. Resolveu resistir á usurpação duma das mais importantes de suas prerogativas.

A commissão, que examinou o officio alludido do ministro do Imperio, appresentou o seguinte parecer:

«A commissão de constituição, á vista do officio do ministro do imperio dirigido á esta camara, com data de 31 do passado mez e em resposta á um outro, que lhe fôra dirigido, pedindo-lhe contas daquillo que, na forma da constituição elle devia dar á esta camara, é de parecer — que se responda ao dito ministro, que, não obstante haver elle respondido segundo á letra do officio, que lhe fôra enviado; comtudo s. ex. deve ficar entendendo — que o espirito da camara não fôra dirigido a entrar no exame da administração passada. pois que felizmente não nos achamos nesse caso; mas sim a procurar uma informação do estado geral dos negocios pertencentes á sua repartição, para se poderem estatuir as providencias necessarias ao bem publico; e posto que a constituição não declare expressamente essa obrigação, comtudo, pela natureza da couza é verdade demonstrada que o corpo legislativo, nada pôde resolver acerca da economia interna do imperio, sem ter presentes os relatorios do estado da repartição interna; e tal é a pratica de todos os governos constitucionaes, Paço da Camara dos Deputados, 10 de junho de 1826 — José Lino Coutinho, Lucio Soares Teixeira de Gouvêa — Bernardo Pereira de Vasconcellos».

O Imperador, que havia contido o

seu primeiro impeto e havia entrado no caminho da moderação, não quiz todavia reconhecer a justiça da exigencia da camara. Essa obstinação de sua parte pôde-se explicar pela convicção, enraizada em seu espirito, das idéas da monarchia tradicional e do poder absoluto, illimitado, que se harmonisava perfeitamente com as suas ambições de mando, com as doutrinas, que aprendêra nos actos arbitrarios do seu *mestre* José Bonifacio. Não é dado suppôr que o seu proceder era resultante de sua ignorancia no tocante ao systema, por que eram seus ministros—os homens mais instruidos do primeiro reinado — os Carneiros de Campos, visconde de S. Leopoldo, marquez de Inhambupe, marquez de Baependy, marquez de Paranaguá. Estes estadistas tinham, porém, um grande senão—o da subserviencia á vontade imperial e á educação recebida na escola do regimen de governo absoluto. Ora, si estes ministros não ignoravam o systema constitucional, tendo alguns delles redigido a Magna Carta de 25 de março, não havia outra razão, que se oppozesse a satisfazer o pedido da camara, sinão a vontade de reter e conservar o poder sem *contra-pezos*, que d. Pedro tanto amava e estava habituado a exercel-o e não queria abrir mão dum instrumento, que reputava privilegio da realza. Qualquer que fosse a causa que determinava o negativa do governo imperial á solicitação dos representantes do paiz, —é um facto evidente e incontestavel —que, nesse primeiro periodo, o governo representativo e constitucional não foi comprehendido e praticado, como nos dous periodos posteriores—isto é—da regencia e do segundo reinado. A differença em principios, doutrinas e praticas, é por demais visivelmente profunda.

Note-se desde já que a apresentação dos relatorios foi o resultado dessa lucta e dessa conquista da primeira assembléa legislativa; foi dess'arte que ficou firmado o dever do governo para com a representação nacional. E esta lucta revela a energia de resistir e coarctar a acção do governo irresponsavel e absoluto, que se prolongará além de 1826, quando já existem constituição e assembléa legislativa funcionando. Podemos, hoje, imaginar que, — si a Camara sahiu victoriosa—a lucta foi sustentada com tenacidade pelos ministros, acurvados á prepotente vontade de d. Pedro I.

Vamos acompanhá-la nas diversas phases, que atravessára.

Hollanda Cavalcanti, ( visconde de Albuquerque ) deputado pernambucano, apresenta, na sessão de 14 de junho, nova indicação. Esta reincidencia mostra que a lucta entre o ministerio, onde domina a vontade imperial, procrastinava-se e que o poder execu-

tivo mantinha-se no proposito de avasalar o ramo legislativo, que a constituição creára independente, e, como o executivo, delegação da soberania nacional.

« — Proponho (diz Hollanda Cavalcanti) que a camara officie a cada um dos ministros de Estado, dizendo que, fazendo-se necessario á camara ser informada dos differentes negocios de cada uma das representações, que exigirem providencias immediatas e urgentes, assim tambem de todas e quaesquer representações, que das differentes autoridades espalhadas pelo imperio tenham sido dirigidas ao ministerio, em que peçam providencias legislativas e exponham os meios de se estabelecerem estas, segundo a localidade e recursos de cada provincia, é indispensavel que o ministro de cada repartição exponha um relatório desses negocios e representações, para com melhor conhecimento de causa e proveito do publico haver a mesma camara de regular os seus trabalhos.»

A indicação, recebida pelo gabinete, foi respondida pelo ministro de estrangeiros, em nome do Imperador.

Não ha duvidar de que Hollanda Cavalcanti não exprimia, n'aquelle documento, um pensamento individual, pelo contrario se vê dos debates; se sabe, por outras fontes, que a obstinada negativa dos conselheiros da corôa havia açulado as paixões dos partidos e forçado a camara a ser pertinaz na affirmativa e reconhecimento do seu direito.

A resposta, dada pelo governo, ainda contestá e não reconhece á camara nenhuma competencia para exigir a *conta* dos actos administrativos.

O gabinete de 21 de janeiro não limita-se a negativa, acintosamente a ultrapassa: decide imperiosamente que—só ao ministerio compete e pertence regular a marcha do governo, segundo a constituição, etc, etc.

Ora, dessa solução imperativa deduz-se—que o ministerio não tem que dar *contas* e que a exigencia da camara é, além de improcedente, inconstitucional.

Emquanto a camara discursa e agita-se, d. Pedro, qual a *raposa* de Machiavello, tentava e empregava os meios de fazer emmudecer os impertinentes falladores, não querendo reconhecer a competencia do parlamento. Assim, a lucta travada, desde a sessão de maio, foi perdurando, sem vencedores, ou vencidos.

Veremos, noutro artigo, o desenlace desse primeiro pleito parlamentar, que preoccupou e irritou a opinião publica e lançou alguns prenuncios de funestos, longiquos e obscuros acontecimentos, mysteriosamente escondidos no seio impenetravel do destino de 7 d'abril.

EUNAPIO DEIRÓ.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### AMOR

Busque Amor novas artes, novo engenho  
Para matar-me, e novas esquivanças;  
Que não póde tirar-me as esperanças  
Pois mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!  
Vêde que perigosas seguranças!  
Pois não tenho contrastes nem mudanças,  
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas com quanto não póde haver desgosto  
Onde esperança falta, lá me esconde  
Amor hum mal, que mata e não se vê.

Que dias ha que na alma me tem posto  
Hum não sei quê, que nasce não sei onde;  
Vem não sei como; e dóe não sei porquê.

LUIZ DE CAMÕES

\* \* \*

### OS PREGÕES EM PORTUGAL

Poucos paizes têm, como o nosso, menos musicos, possuindo uma tão impressiva intuição da melodia. De que cyclo historico nos vem ella, e de que filão de raça procede? Entraria em Portugal pelo Algarve, vinda dos aduáres talvez da orla d'Africa; pelo Alemtejo, vinda do paiz andaluz, reminiscenciada talvez do tempo dos califas; e entraria tambem pelo Minho, quem sabe! com a gaita de folles do gallego.

—No Algarve, produzindo as *toadas* das populações pescadoras do littoral, duma tão admiravel riqueza de cambiantes lyricos. Dando no Alemtejo, as preguiçosas cantigas de trabalho do paiz desolado, do paiz cheio de florestas, do paiz sem nevoas, do paiz sem mar, incommunicavel com o resto do mundo, e gretando sob um sol caustico, que em agosto faz amadurecer as uvas, seccar o milho, e verter fogo, a phantasia dos rapazes. E no norte, por ultimo, gestando essas melopéas saracoteadas e lorpas, de que é typo a *caninha verde*, e sobre que se têm escripto todas as especies d'encomios delambidos.

Ora, todos os rythmos e andantes destas trez especies de melodias populares — a minhota, a algarvia e a alemtejana — partidos successivamente dos pontos mais longinquos e oppostos do paiz, ao chegarem á capital, deliquesceram num todo: e saíu esta preghiera excentrica, esta bijouteria de som que se chama o pregão das ruas de Lisboa.

O que nelle ha de persuasiva eloquencia, de supplicante meiguice, de petulancia ou de satyra, faz todo um ilucidario fallado, que por completo resume a vida do povo lisboeta; e é

grato vêr nesta cidade descórada e suja, com bacias de barba por tanques, e paliteiros de pedra por monumentos, sem typo fixo de habitante, nem typo fixo d'architectura, feíssima apesar do porto, bisonha apesar do céo, insalubre do clima... é grato vêr, dizia eu, quebrarem a monotonia de tudo, essas melopéas dum inexprimivel sentimento poetico, aosom das quaes a mulher vende azeitonas, o homem couves, e a raparigota queijos, carapáus, ou marmellos assados. Não quero assim dizer que esta toada vá deleitar grandemente os *dilettanti* que se aborrecem, de casa, pelas cadeiras de S. Carlos, nem que as ruas da Baixa valham um concerto de Colone, á hora matinal em que as varinas saem do mercado, com a canastra prenhe de besúgo e sarda gorda. Porém, vão vocês residir ahi para um arrabalde socegado, para uma encosta de monte, onde não passem carruagens, para uma betêsga humilde e sem passagem; e quando as chaminés fumam na luz, e a pequenada desce para a mestra, escutem, ás 8 da manhã, do fundo dum quarto d'estudo, a mulher da hortaliça soltando ás *menagères* o cadenciado appello das maravilhas hortícolas que ella alli traz na cesta e nos ceirões.

Que rythmo admiravel o dalgumas! que alada melancolia no *smorzar* certos finaes, e como a voz dellas colleia e váe, num inexplicavel poder de suggestão pathetica e campina! Dentre essa variedade de dez mil pregões, que quotidianamente estrugem nas ruas de Lisboa, trez typos saltam, onde o observador poderia agrupar sem violencia, todos elles.

A saber: o pregão dos que vendem provisões d'origem marinha; o dos que vendem provisões de origem terrestre; e finalmente o pregão dos belfurinheiros de ruas e vendilhões de jornaes.

Destes trez grupos, o ultimo tende a eliminar-se, já porque os pequenos fanqueiros de rua, os vendedores de sapatos, os capellistas do carrinho ambulante, etc., cada vez são mais raros, mesmo nos bairros pobres, mercê da transformação porque estão passando os habitos caseiros das nossas mulheres. já porque os jornaes, com a feição pratica e antipathica que tomaram, deixaram de se poder apregôar pelos garotos na cantilena ondeante em que ainda hoje se apregôa, por exemplo, o *Diario de Noticias*.

No pregão das peixeiras tambem se notam, de ha uns annos para cá, tendencias rotineiras. As ovarinas são rebeldes á criação de novos typos musicas para o pregão, e preferem es-tagnar em trez ou quatro fórmulas seculares, invariaveis, como aquella em que se menciona simplesmente o producto — *Postas de pescada!* por exemplo — num ligeiro cantado que não commenta nem exálta o género, á fre-

guesia — como ess'outra, em que junto ao nome do peixe, váe especificado o seu destino culinario: ex.: *Cadellinha pr'a arroz!* ou *Irozés p'ra tigelada!* — ou ainda como aquella em que se elogia o producto, sem lhe dizer o nome, como acontece em — *Fresca!*..

Já não acontece o mesmo ao pregão dos vendilhões de comestiveis hortículas, cuja musica tende quotidianamente a enriquecer-se de novos motivos melódicos, originalísimos estribilhos; e variedades metricas, duma imprevista fragancia d'expressão. Raro é o dia em que o vendilhão recémchegado da sua provincia, não lance nas ruas da capital, uma esfuçada inédita de notas,

*Broinhas de milho*

*Quentinhas de herba doce!*..

uma destas volatas de travor mourisco começando por um brado estrídulo, caíndo depois numa especie de recitativo a dois ou trez haustos, para acabar afinal numa cadencia bucolica ou cascalhada.

Todos têm no ouvido a deliciosa melopéa da mulher das melancias...

*Quem nas quer da vorzeo!*

*Melancias á jaca!*

e a mulher das azeitonas

*A vinte e cinco o salamim,*

*Quem quer azeitonas novas!*

e se recordam com infinitas saudades do pregão do homem do gergelim, tão imaginosamente detalhado; dos pregões insubversivos do *Furibundo*, que vendia jornaes republicanos, pondo em rima as insolencias que elles vo-

mitavam; e desses pregões emfim que já morreram, e ao som dos quaes nós acordavamos todas as manhãs, nos nossos bairros d'estudantes e de caixeiros, quando a cidade ainda mantinha, ha vinte annos, aquelle seu ar provinciano, e á nossa adolescencia bastava um echo, para evocar na phantasia uma scena idyllica, recantos de paizagem, estados d'alma contemplativos ou extasiados — chiméras, emfim, que se desfazem com os primeiros cabellos brancos, e sobre que já não é possível escrever sinão recordações, ou epitaphios.

FIALHO D'ALMEIDA.



RUINAS DE S. MIGUEL

## RUINAS DE S. MIGUEL

No dia 30 de julho de 1902, chegámos ao pouso Timbaúva, donde se avista, muito próxima, e ao sul, a lendaria capital das sete missões do Uruguay, com as suas ruinas monumentaes.

No dia seguinte fomos visital-a. Antes de lá chegarmos, atravessámos um pequeno povoado de algumas casas sem importancia e mal dispostas, onde ha, felizmente, uma escola primaria. Além, estavam as ruinas da capital que, fundada em 1687, chegou a ter dez mil habitantes. A praça principal, vasta, quadrada, conserva em cada uma das faces vestígios da antiga grandeza — baldrâmes grossos de pedra talhada,

capitéis, fustas e bases de columnas, com relevos e florões, aduellas de archivoltas, pedaços de frisas esculpidas, cantos de cornijas de grés roseo, aqui e alli amontoados, ou esparsos em desordem. Esses montões de despojos da riqueza de uma civilização especial pelos seus moldes demasiadamente hieraticos, quiçá, mais consoladora para aquella região, ainda hoje em embryão social, do que a actual, em desoladora estagnação, sem o mais leve indicio de progresso, de industria e arte, esses tristes despejos juncam a praça em torno da vasta e magestosa ruina do velho templo jesuitico, a mais bella e monumental das que ainda existem no priveligiado territorio missioneiro.

Depois da expulsão dos padres da Companhia, as correrias do Andrésito Artigas, os saques de Fructuoso Ribera e as malfadadas revoluções posteriores transformaram essa bellissima região num triste deserto que só precisa de paz e justiça para se povoar, e transformar-se em terras cultivadas e fazendas de criação, para as quaes tem maravilhosa capacidade.

Do antigo templo de S. Miguel, salvo do incendio ateado na povoação em 1756, na guerra dos Guaranyes, mas que não pôde resistir abandonado á acção demolidora do tempo, restam ainda as espéssas paredes de pedra talhada, com pequenas galerias de passagem. Tem 77 metros de comprimento e 62 de largura. A figueira invasora, a

arvore typica das ruinas, introduziu-se entre as juntas dos paramentos das grandes naves e foi abrindo-as, separando-as e hoje presas a ellas e amparando-lhes os blocos desequilibrados, ostenta-se aqui e alli em dimensões colossaes.

O grande portico magestoso cahiu; restam pedaços de arcadas, fragmentos do rico entablamento suspensos, columnas desaprumadas, pedestaes cobertos de musgo e de espinhos, fustes em pedaços, mutilados. A torre, toda de pedra lavrada, onde havia um gallo de bronze amarello, derribado pela cobiça de aventureiros que o suppunham de oiro, foi fendida ao meio por um raio e as duas metades desaprumadas e pendidas ainda não cahiram. Tenues lianas as abraçam, e cardos espinhosos, como candelabros monumentaes, decóram aquelles muros em imminente desmoroamento. O tecto desabou e a luz do sol illumina as cruces carcomidas, pendentes sobre sepulturas abertas no pavimento, outr'ora lageado e, hoje, esburacado, cheio de poços profundos, abertos em grande numero em a nave central e nas lateraes, por exploradores dos phantasticos thesoiros da Companhia de Jesus.

Do material existente na velha Missão, se poderiam construir ainda bellos edificios; mas ninguem se lembra disso. Parece que se tem medo de tocar naquellas ruinas, effeitos de tantas guerras, de tantos crimes.

As casas da insignificante povoação moderna são pobres ranchos de madeira ou de taipa.

Quem passa pelas Missões brasileiras e argentinas sente, como eu senti, uma dolorosa impressão, como se passasse sobre aquellas regiões, esplendidamente dotadas, um estigma de maldição, detendo a mão do homem, quando tenta fazel-as prosperar.

O povo atrasado e supersticioso que alli vive, além da indolencia natural da raça acredita no anáthema. Ouvi em S. Borja que o logar começou a ir para atraz desde que cortaram as pernas de S. Francisco de Borja, que era demasiado grande para um nicho.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Extractos de um diario)

## MISERIA E CRIME

### I

A obra monumental de José van Kan, corôada pela Universidade de Amsterdam, e referente ás « causas economicas da criminalidade », dissipou as ligeiras duvidas que ainda perduravam nos espiritos de bôa fé ácerca do momentoso assumpto.

O estudo foi feito exhaustivamente, alimentado desde o principio por curio-

sidade inexcedivel, através de vastissima e escolhida bibliotheca. Quem tiver, como nós tivemos, o cuidado de verificar algumas citações e a fidelidade dalguns resumos não será desilludido; não acontece com o escriptor hollandez o que frequentemente succede com Lombroso e outros de igual estôfo: ser encontrado em flagrante delicto litterario, citando falso ou interpretando deploravelmente o pensar alheio.

Qual foi, afinal, a primeira conclusão a que elle chegou, de accordo com a maioria absoluta dos autores modernos? Foi esta: a *situação economica* determina grande numero de crimes contra a propriedade, sendo sua *causa indirecta*; a *necessidade urgente e aguda* é *causa directa* dessa criminalidade generica, bem como o é a *miseria chronica*.

Terminada a leitura proveitosissima da profunda monographia, nos occorreu a idéa de procurar a solução juridico-penal para os casos em que a necessidade urgente e inadiavel apparece como a causa directa dos crimes contra a propriedade. O assumpto é, devéras, tentador e já tem provocado, sob certos pontos de vista, a attenção de alguns juristas e litteratos. Temos, pois, fundada esperanza, assim bem amparados, de não ficar no meio do caminho.

Ha dez annos, um escriptor de vigoroso pulso, escrevendo na excellente REVUE DES REVUES, observava que a sociedade moderna, não punindo directamente a pobreza extrema, conserva, entretanto, em seus codigos penaes, verdadeiras sobrevivencias barbaras, que servem para a iniqua punição de actos que resultam da miseria!...

Não ha salvação possível (continua) para o pobre que a desgraça impelle ao crime. Os deuses inviolaveis da organização social vigente são o «dinheiro» e «a mercadoria». Derivada desse estado de consciencia colectiva, a lei penal pune severamente os attentados á propriedade, sem distincções, como outr'ora eram punidas, como muito graves, as offensas feitas ás poderosas e supremas divindades.

Aconselhava, então, ao socialistas que seguissem uma verêda nova, escrevendo, entre as reclamações possibilistas do seu programma, a reforma dos codigos penaes, no sentido da attenção dada á miseria, como causa social dos delictos contra a propriedade.

Para a solução dos casos bem expressivos da influencia da miseria na producção do crime, isto é, em se tratando do *furto praticado por fome* — parece-nos que mais de um codigo já offerece o necessario elemento de excusa ou de justificação.

Antes e depois das leis penaes, a doutrina tem firmado o principio da

impunidade desses *crimes necessarios*. As raizes dessa theoria do «direito á vida» sobrelevando ao «direito á propriedade» — se encontram nos theologos e canonistas. Do ponto de vista propriamente religioso elles enxergavam justificação para o furto nos PROVERBIOS (L. de Salomão cap. VI, versiculos 30 e 31) e nos EVANGELHOS, (S. Lucas. VI, 15; — S. Matheus, XII, 18). Sob o ponto de vista da philosophia social, essa doutrina resultava, em linha recta, da theoria da «comunidade dos bens». Para os grandes theologos, só a decadencia do homem levou-o á separação individual dos bens. A propriedade indivisa foi o primeiro idéal economico do Christianismo. (\*) Sendo assim, o furto, quando praticado pelo pobre nos transes da fome, exprime, nada mais nada menos, uma volta ao estado primitivo do communismo, uma especie de restituição, muito legitima.

Thomaz d'Aquino, considerado a figura mais importante da Igreja do Occidente, e, sem duvida, o maior philosopho da Idade Média, emprestou a essa doutrina de solidariedade humana a autoridade do seu preclaro engenho. «Emfim, ensinava o sabio doutor, no caso de uma necessidade tão grave e tão urgente que não admitiria demora, é permittido apropriar-se alguém do que é alheio, mas tão sómente em quantidade que baste para satisfação dessa necessidade de que por outra forma não se poderia livrar.» (SUMMA THEOL. II, 2ª parte, quest. LXVI, art. 7º).

O papa que deu nome a um dos seculos mais brilhantes da civilização humana, Leão X, decretou a impunidade do furto commettido por extrema necessidade.

No *Corpus Juris Canonici*, ha uma passagem precisamente dedicada ao furto necessario (Cap. 3º X, *De furtis* ns. 5 e 18). Verificou-se que o alludido trecho das "Decretas" fôra tirado dos *livros penitenciaes* dos primeiros tempos da Igreja, o que mostra ser tradicional entre os Christãos o principio que alli se contém. Vê-se que a pena era muito modica: — *peniteat hebdomadas tres*.

Na Idade Média, os glossadores, indo além do Direito Canonico, que tinham em vista desenvolver e estender ás relações civis, fixaram a doutrina da absoluta impunibilidade do furto por fome. A extrema necessidade se lhes deparava como uma circumstancia absolutamente excusativa para o furto. O pobre miserando, no exercicio do seu direito sobre os bens superfluos do rico, não tinha motivo para deter-se, quando podia satisfazer a fome á custa do bem alheio.

(\*) V. LE DROIT DES HUMBLÉS, por J. E. Fidáo, pags. 45-79

Demais, vinha, para reforço da doutrina, a já alludida theoria religiosa do "communismo primitivo". Sustentavam os glossadores que "in necessitate omnia sunt communia".

Assim se patenteia que para theologos, canonistas e glossadores, o acto necessario de um furtador esfaimado é simples exercicio dum direito; seu proceder é identico ao do proprietario que toma conta do que é seu.

Depois, os casuistas — a quem se deve muito innegavel esforço na formação do Direito Moderno — adoptaram os mesmos principios e os deduziram, tambem, da theoria do communismo dos bens. São dignos de citação especial: Julius Clarus, com sua *Practica Criminalis*, e Farinacius, com sua *Praxis et Theoria criminalis*. Este ultimo, retomando o rigor dos padres da Igreja, sustenta a obrigação em que está o rico de vir em auxilio do pobre; tirando d'ahi a conclusão de dever o rico permittir a pratica do furto, quando resultante da extrema penuria. *Ut fur isto casu propter necessitatem excusetur, debat credore dominum rei furatæ permissum.*

Notaveis autores se podem citar sustentando a mesma doutrina, em tempos mais proximos. Do seculo 17º são os justamente celebrados Grotius e Puffendorf. Quanto expenderam esses dois ácerca do assumpto, vem fielmente resumido por Paulo Moriaud, na sua bella monographia DO DELICTO NECESSARIO E DO ESTADO DE NECESSIDADE.

Approveitemos, como já fizemos em mais de um ponto, o precioso trabalho, que mereceu os mais elevados e encomiasticos conceitos de Gabriel Tarde. Grotius limitava o direito de subtracção necessaria; mas não desconhecia que, em casos graves, o pobre póde apoderar-se do que é superfluo ao rico, sem commetter crime. Puffendorf sustentava que, por mais respeitavel que pareça o direito de propriedade, não póde evitar que o pobre se apodere dos bens de que extremamente necessite.

O homem, reduzido á extrema miseria, para a qual não tenha contribuido, e não podendo obter, por simples pedido, os meios necessarios para livrar-se da fome e cobrir a nudez, póde lançar mão do bem alheio, pois não é criminoso.

Entretanto, queriam Grotius e Puffendorf que, em tempo opportuno, quando pudesse, o furtador restituísse ao prejudicado a cousa ou o seu valor.

.....  
Notou Felix Marchand, na sua obra DE L'ÉTAT DE NECESSITÉ que modernamente, isto é, no seculo XIX, poucos escriptores tratam desenvolvidamente o assumpto. Cita, como mais digno de consulta, Le Sellyer, no seu

*Tratado da penalidade, da responsabilidade e da criminalidade*, que aceitou as opiniões de Grotius e Puffendorf.

Criminalistas do nosso tempo apenas alludem á questão.

Para prova do pouco caso que a ella se tem ligado, basta considerar que Lombroso, recentemente, tratando do assumpto, apenas encontrou, para citar em apoio da sua opinião, a de Cremani, criminalista do seculo 18º. Vale a pena saber o que diz o notavel fundador da escola anthropologica do crime. Entende que o furtador necessitado é um *criminoso á força*. Seu delicto, verdadeiramente occasional, exclue a applicação da pena. (LE CRIME, 1899, pág. 505). E' interessante verificar em que ponto dalguns codigos modernos se encontram as disposições que garantam ao pobre o direito á vida, excusando o furto commettido em estado de necessidade.

Depois, veremos a applicação que da doutrina e da lei já tem feito a magistratura do nosso tempo.

EVARISTO DE MORAES.

#### OS ACONTECIMENTOS

Em primeiro lugar, o que vale a pena de ser notado, aqui, como indicação aos futuros penetradores da psychologia social, é o prodigio de imaginação que, a remexer os ultimos successos, tem dispendido a imprensa.

A primeira nota é da *Tribuna*. Já verificou esse confrade que a bernarda do dia 14 tem raizes quasi antigas e quasi fundas.

Magnificamente contou que em outubro de 1901 e em julho de 1902, se concertou, com entusiasmo, a *revolução*, que devia estalar aqui, em S. Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná e Pernambuco, onde, aliás, o entusiasmo era menor apezar das suas tradições.

S. Paulo e Rio Grande eram as maiores potencias da lucta. O plano da revolta era formidavel, era republicano e era, principalmente, do senador Sodré. Um emissario foi mesmo enviado a Montevideo. Ia fazer adeptos, com 150 contos — diga-se logo. Na capital do Uruguay, pouco depois da sua chegada, o emissario reuniu chefes politicos descontentes da politica do sul. As coisas tramavam-se, os chefes combinavam, correspondiam-se com pseudonymos varios: *Rodrigo, Luiz, Laurindo, Anibal, Luciano, Valerio, Carlos.*

O do senador Sodré era *Estacio*. O dinheiro evaporou-se. Pediu-se mais, torceram-se narizes, e, afinal, foi resolvido que se mandariam mais 150 contos. Ficou, porém, na resolução, porque *Estacio*, do seu lado, resolveu

achar inoportuno o momento da acção. Os chefes appellaram, então, em linguagem cifrada, para o patriotismo de *Estacio*. *Estacio* não recebeu esse appello, o emissario regressou de Montevideo, depois de uma ultima conferencia em Paso de los Toros, e o movimento passou, sobretudo porque, em agosto, chegára ao Rio, o couraçado *Chacabuco*, do Chile. A nossa policia tudo acompanhou; mas, por milagre, nunca se mettu a bolir na trama. O movimento ficou assentado para o dia 4 de novembro de 1902, sob a égide da Escola Militar, onde dois alferes faziam, depressa, a propaganda de *Estacio*. O governo, que era o do presidente Campos Salles, soube do plano, e congraçou os alumnos adversarios de *Estacio*, meio que, no momento, seria impedir a posse do actual presidente.

Um outro meio tambem falhou, como o resto: um alumno laurista teria ido ao tunel grande da E. F. Central, deitar dynamite quando tivesse de por alli passar o comboio conduzindo o presidente eleito.

Falhados todos esses manejos, *Estacio* appellou para o caso do Acre. Foi em vão. Agora, appellou para o caso da vacinação obrigatoria. Tambem não foi muito feliz. De tudo o que precedeu aos actuaes acontecimentos, sabia o chefe de policia do governo passado, que os narrou ao presidente Rodrigues Alves, na vespera da sua posse. São, como vêem, bem feitas as excavações da *Tribuna*. Excavou a historia e a argucia do então chefe de policia, que tudo viu e soube e burlou.

—Victimas da *revolução*, morreram até o dia 20, 22 pessoas.

—Effectuaram-se centenaes de prisões de populares.

—Tambem foram presos o general Silvestre Travassos, tenente coronel senador Lauro Sodré, chefes do movimento; general Olympio da Silveira, major Raymundo Gomes de Castro, capitão Antonio Mendes de Moraes, cumplices.

—A Escola Militar foi fechada, e della foram desligados 300 e tantos alumnos, que tomaram parte na sublevação.

—O general Travassos foi ferido gravemente no joelho, e o senador Lauro Sodré, levemente, no couro cabeludo.

—Até entre a policia, houve conpirações. Um delegado, o da circumscripção a que pertence a Escola Militar fechou o estabelecimento, e mandou em paz os empregados. Si não foi por medo, foi por sublevação. Passa, pois, á Historia, o nome desse delegado — dr. Almeida Nobre.

—O senador Sodré, depois de preso, teve a melhor phrase, como heroe do movimento: «especularam de tal modo

com o meu nome, que me esqueci da minha posição, da família, dos amigos e até da Republica.»

No ponto de vista revolucionario, este periodo diz tudo.

—O governo tem cercação de todo o carinho, a familia e a memoria do major Fabricio, morto pelo alferes Theodomiro, que sublevou o contingente do 16 de infantaria, da Bahia, commandado por aquelle official, que succumbiu em virtude de não ter concordado com a sublevação.

—Houve dois movimentos absolutamente distinctos — o do baixo povo, (por causa do projecto do regulamento da lei da vaccinação obrigatoria) que começou no dia 12 de novembro e terminou na noite de 14; e o da Escola Militar, que anoiteceu em 14 e não amanheceu, com o plano de depôr o governo. Para o dia 15, estava annunciada uma parada commemorativa do anniversario da proclamação da Republica. As arruaças distrahiram e cansaram as forças da guarnição. De modo que a parada foi adiada, adiando o plano da revolução, que era prender o presidente, quando passasse revista ás tropas. O governo, ou, antes, a nação agradece a Deus os disturbios. Não ha mal que não traga um bem..

## THEATRO

O theatro da revolução...

Que espectáculo comprido, meu Deus! Houve muito de tragedia — o necroterio o attesta — houve pantomima grossa — Porto Arthur o affirma. Todá a cidade freuiu como um arame, esguélou como uma doida, esperneou como um cabrito, e, em vez de palmas, — a pateada dos tiros por cima do tempo. Por cima do tempo e da gente. Cá está um que por acaso, (acaso sr. estado de sitio!) assistiu a uma scena da tragedia, e que hoje, quer acordado, quer dormindo, ainda ouve o zinado de uma bala que de carreira lhe passou pelas orelhas, sibilando, de carreira, a musica detestavel do outro mundo.

E a impressão desse zinado é tão profunda, electricou-me de tal fórma as impressões, que, agora mesmo, a cada palavra que a penna velha váe rangindo no papel, olho e reólho de um lado a outro, arisco como um veado, ouvindo no rangido que a penna váe fazendo, o assobio que a tal bala me cantou pelos ouvidos.

O theatro não teve palco. Talvez minta. Cada canto de rua era um bastidor, um scenario em cada bairro, cada praça uma ribalta e os camarins — eram cada porta aberta que se encontrava. Iam-na varando batente a dentro, sem perguntar pelo dono do camarim e o numero do dito.

O palco era a rua, eram as praças,

era a cidade inteira. Nunca se viu um palco assim. Não havia bilheteiro á porta do theatro — a entrada era gratis. A sahida... á sahida é que era a cobrança. O que pagava menos, o réles espectador da geral como eu fôra, trazia o maldicto sibilado dessa bala que me canta nos ouvidos, e outros, os das cadeiras ou dos camarotes, eram levados para o outro mundo. Actores foram em porção.

Meus olhos nunca viram tanta gente em scena. Actrizes, poucas, muito raras, e essas mesmas, (num drama têm-se ás vezes papeis sem sorte) o revez do acaso trouxe-lhes o revez da sorte. Entraram em scena por um acaso, foram feridas por um acaso, morreram porque as ferira o acaso. Onde está o tribunal que julga o acaso, o promotor que o accusa, o juiz que o condemna? Vocês não me dirão? Qual! O que lhes digo é que ellas morreram, e, como eram pobres, dormem ao acaso, por ahi, numa sepultura sem nome, no meio de outras sepulturas.

A peça não teve auctor — não se podia responsabilisar ninguem. A collaboração foi vindo aos poucos, espontanea, gratuita, nevrotica, desbaratada. Quem tinha um braço agia, quem tinha revolver disparava-o. Eram scenas de dramalhões por toda a parte. Os actores, sem o chamado do contra-regras, surgiam em roupas de um ensaio, e representavam como num espectáculo a capricho. E surgiam graciosamente, com o fáro dos cães de caça, para a desordem e para a morte.

A peça, como diziamos, não teve auctor. Talvez seja mentira. Talvez seja verdade. Ao certo, um auctor não houve, auctores é que houve muitos. Quem assomava em scena, trazia o seu papel de casa, feito pelo seu proprio punho, ou improvisava-o de momento, numa eloquencia comburent e caustica, crepitante e má — a eloquencia da pedra de encontro aos lampiões, da baioneta, do revolver, da carabina e da bala.

Houve auctores de desordens na Saúde, auctores de uma idéa em Botafogo.

Os primeiros riram, galhofaram, apalhaçaram. Fizeram da areia dynamyte, de um combustor um canhão, de coisas velhas um forte.

Os outros empanaram um sonho numa temeridade, apagaram-no num fracasso, e, mais do que a vida, sacrificaram o futuro pelo sonho. Eram uns ideólogos, e ante os seus olhos de moços, a patria era um frangalho de patria chacoteado por todos os ventos, sujeito aos embates das tempestades, ao estonteamento dos furacões. E acima de tudo isso, a miragem de uma nova patria clareava-se-lhes ridente e fresca, aberta para o sol, desnudada para o céu, uma patria sem má-

cula, sem enfermidade e sem sombras, como as patrias que se vêm em sonho.

A miragem não passou de miragem. E quando a caravana partia com os olhos fitos nella, (nos desertos é sempre assim) o simoun rebentou posante, obumbrando o céu.

Nos outros theatros, é sómente em scena que a mulher briga com o marido, que o marido briga com a mulher, que a dita atraição o dito, que o dito mata o amante; palco afóra, são todos amigos, ou inimigos se já o eram antes. E quando o quadro impressiona, o povo os chama á scena; os que tinham acabado de morrer naquelle instante, os inimigos terriveis, apparecem de vida nova, amigos, de mãos dadas, rindo e agradecendo.

Aqui, a coisa não foi assim. Quem morreu, morreu de verdade, quem não morreu, ou está ferido ou está preso.

E' o theatro de Antoine com todos os requintes, com toda a perfeição do natural.

E o povo interessou-se tanto, emocionou-se de tal fórma, que os theatros onde se pagam entradas tiveram que fechar as portas por incapazes de representar a vida como ella o é na morte. De dias para cá, um ou outro foi abrindo medrosamente.

No *Apollo*, o *Badalo* continúa; no *Lucinda*, a *Capital Federal*; no *Parque*, a companhia lyrica, e o *Recreio*, para dar mais uma nota de dôr em tudo que se deu, abriu com o *Martyr do Calvario*.

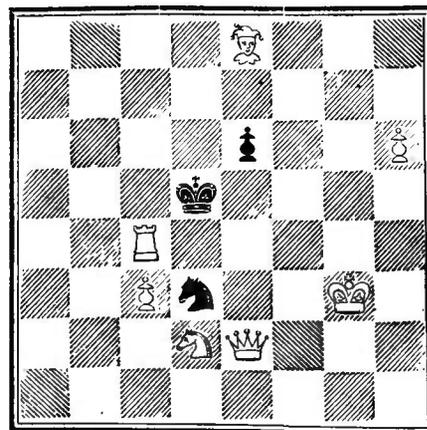
De tudo isto, eu lhes queria falar a miúde, mas aquella maldicta bala que de carreira passou, pelas minhas orelhas, cantando a musica detestavel do outro mundo, faz-me ouvir em cada palavra que a penna velha váe rangindo no papel, o tal assobio que ella me cantou pelos ouvidos.

Quem é que póde escrever com semelhante impressão?

JUSTUS JUNIUS

## DIVERSÕES

Problema N. 5



As brancas jogam e dão mate em dois movimentos.

## DIMINUTIVOS

(Carta adereçada a trez ou quatro senhoritas' do conhecimento do auctor.)

Em verdade não sei, minhas Senhoras, porque teimam vossas excellencias em esrever á hespanhola no endereço de suas cartinhas perfumadas, o gentil diminutivo com que de alguns annos para cá se principiou a designar-as. Escrevem *senhorita* com o *n* tilado, caso unico em que o hespanhol usa da notação chamada *til* para representar o som particular do nosso *nh* ou do *gn* francês, isto é, as consoantes *molhadas*: *leño, tamaño, año, maña, niñez, pañito, mañoso*.

Porque não escrevem *senhorita* á portugueza? Talvez que por suporem que o suffixo *ito* e *ita* pertence exclusivamente á lingua castelhana. Mas vossas excellencias enganam-se. Tal terminação, minhas prezadas senhoras, tanto é de um como de outro idioma, pouco importando que de Hespanha a tenhamos recebido. Querem exemplos de diminutivos nossos em *ito*? Saltam-me de roldão dos bicos da penna: *livrito, cestito, rapazito, reizito, casita, mocita, mulherita, pequenito, pouquito, copito, porquito, doidito, Thomézito, Annita* e um sem conto d'outros vocabulos. (1)

Quando vossas excellencias leram Camillo Castello Branco, porque de certo o leram e nem ha mulher a quem não interesse um escriptor cuja vida foi uma meada de paixões amorosas mais ou menos violentas e que envelheceu a amar, segundo a sua propria confissão, quando vossas excellencias leram o grande, o inquieto, o tragico, mas sobretudo amargurado Camillo, passaram-lhes despercebidos dois trechos, um a paginas 120, cap. 15, dos *Brilhantes do brasileiro*, e o outro a paginas 182, terceira parte. cap. I, das *Trez irmans*, nos quaes trechos apparece a palavra *senhorita*, trajada á portugueza, mas, ao que parece, usada em sentido pejorativo. — «Eu tenho muito medo que meu irmão se apaixonone por alguma d'estas *senhoritas* cá de Barrosas que andam a armar-lhe a

(1) Merece lida a seguinte observação feita por dom Andrés Bello, sempre cuidadoso da propriedade e justeza das expressões que usava:

«No Chile, como em alguns outros paizes da America, abusa-se dos diminutivos. Chama-se *senhorita*, não somente a toda senhora solteira, de qualquer tamanho e idade, que tambem a toda senhora casada ou viuva; e quasi nunca são nomeadas senão com os diminutivos *Pepita, Conchita*, por ancians e corpulentas que sejam. Devêra desterrar-se semelhante pratica, já porque tem o que quer que seja chocante e ridiculo, já porque confunde diferenças essenciaes no tracto social.» (*Gramática de la lengua castellana*.)

rediosca com presentinhos de queques e ramos de flôres.» (*Os brilhantes do brasileiro*).

«Se queres que te diga o que sinto, seria mais facil eu casar com uma menina virtuosa e pobre da classe mechnica, que fazer feliz uma dessas *senhoritas* que não sabem ao certo o nome do seu vigesimo avô!» (*As trez irmans*.)

Não se lhes afigura a vossas excellencias que o diminutivo *senhorita* nas duas passagens de Camillo, é um diminutivo despectivo?

Pouco importa que seja ou que não. O ponto capital é que o termo existe em nossa lingua e data de um pouquinho mais longe do que vossas excellencias porventura cuidavam. Num diminutivo a ideia de mesquinhez, e a de carinho, ternura, compaixão, ou semelhantes, são ideias accessorias, podendo muitas vezes exprimir ora uma, ora outra, conforme o tom que se lhe imprime, — escarninho, depreciativo, jocosos, affectuoso ou meigo.

Mas ainda ha coisa mais grave. Já, com estes meus olhos de grande peccador, vi num sobrescripto a palavra representada deste geito com esmerada caligraphia: — *signorita* tomando-se o radical italiano. Isto, porém, é que não é possivel, — tenham paciencia. O diminutivo de *signora* é *signorina*, na doce lingua do

... bel Paese

Ch'Appennin parte, il mar circonda e l'Alpe.

Teem os hespanhões o suffixo *ito* e *ita*, nós tambem o temos como uma differenciação do suffixo *inho*; teem os italianos *ino* e *ina*: *nipotino, cavallino, Carlino*. Ao que diz Constantino Arlia nos seus *Passatempi filologici* (Milão, 1902), a desinencia em *ito* começou a usar-se entre os italianos quando, nos primeiros annos do seu politico resurgimento, entrou a correr na boca dos italianos, d'envolta com os outros nomes dos valorosos, o de *Annita*, uma mulher da America portugueza, uma filha do Brazil, que, impavida, ao lado do esposo immortal, o seguia nos campos de batalha. De então por diante, numa gentil intenção de reconhecimento, ou de grata lembrança para com a admiravel consorte de Garibaldi, as *Anne* e *Annine* de Italia chamaram-se *Anite* ou *Annite*; as *Teresine* não quizeram ficar atrás e converteram-se em *Teresite*.

Não se riam as senhoritas bazi-lienses das «*signorine*» italianas. Ninguem tem que se rir do seu proximo e demais todas são rés do mesmo delicto.

Deus sabe que tristezas são as de certas meninas por terem o doce e socratissimo nome de Maria. Maria é um bonito nome, mas já muito trivial! Sôa melhor em inglês — *Mary*, fica mais sympathico, mais harmonico do que em portugues.

Marietas, Antonietas e Julietas ha

que para darem um tal qual aspecto de originalidade graphica ao nome, ou para lembrar o francês *Mariette, Antoinette, Juliette*, duplicam-lhe o *t*, e ficam com um nome que, orthographicamente falando, não é coisa alguma, nem portugues nem francês. O suffixo vernaculo *eta* escreve-se com a consoante singela: *caixeta, caneta, vareta, cançoneta, opereta, estatueta, historieta, saleta, papeleta, caderneta*, etc.

Aquella Maria Benedicta que apparece no *Quincas Borba*, de Machado de Assis, sentia-se vexada por ter tal nome, — um nome de velha, dizia ella, o nome de sua avô; ao que a mãe retorquia lembrando que «as velhas foram algum dia moças e meninas, e que os nomes adequados ás pessoas eram imaginações de poetas e contadores de historias.» E Sophia, a bella e sagaz Sophia, accrescentou que os mais feios nomes são lindos, conforme a pessôa.

E notem por fim vossas excellencias que, tambem para ridiculo do sexo de quem lhes escreve, os homens não teem querido manter-se nas fronteiras da seriedade e, por processos identicos aos das creaturas do sexo de vossas excellencias, buscaram attenuar a fealdade dos seus nomes delles, nomes que lhes parecem pêccos e charros.

Como alguns por nome Jayme se trocam britanicamente em *James*, e outros de nome Gualterio transmudam-se germanicamente em *Walter*, assim bem pôde ser, minhas queridas senhoras, que o auctor destas linhas ainda venha a assignar-se *Marius*, em latim.

Se vossas excellencias me perdôam o atrevimento com que talvez ferí no coração o «ridiculo» de vossas excellencias, beijo-lhe mil vezes as mãos e nestas e em todas as materias fico sempre prompto para servil-as.

Criado de vossas excellencias

MARIO BARRETO.

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDO DE UM ESTUDO CRITICO

DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 1ª

CAPITULO III

No dominio conrecto, a actual theoria é exposta da seguinte maneira:

Supponhamos que sobre a recta *XX'* tomamos um ponto fixo *O* para *origem* das grandezas positivas e negativas.

B'	A'	O	A	B
X				X'

Suppondo que um ponto parte de *O* e chega a *B*, tem elle gerado a grandeza positiva *OB*; admittindo agora que o ponto que está em *B* parte para *O* e pára em *A*, tem elle produzido a grandeza negativa *BA*, porque desloca-se nesse movimento, em sentido oposto ao sentido em que se deslocou quando

de  $O$  partio para  $B$ , e como em sua volta para  $O$  o ponto outra coisa não faz senão extinguir a recta que existia, e seo primeiro movimento, fica explicado porque um negativo implica uma subtracção, o que no dominio abstracto traduz-se por  $a - b = a + (-b)$ , principio este que existe neste dominio e que é confirmado pelo caso geometrico. Isto equivale a se tomar o ponto  $B$  para origem dos negativos, e é justamenje por isso que, no dominio concreto, um negativo não é menor do que zero, porque desde a origem  $B$  que os negativos crescem em valor absoluto.

Ha entretanto autores que pretendem ser mais conformes ao principio de Descartes e não tomam logo o ponto  $B$  para origem, mas effectuando simplesmente uma subtracção entre duas grandezas, das quaes a que deve ser sotrahida é maior do que a outra, levam a medição até á esquerda da origem e encontrando uma grandeza á esquerda de  $O$ , dizem ter demonstrado o principio do philosopho concluindo, pela figura, que o negativo é menor do que zero.

O que ha, entretanto, de verdadeiro é que quer se tome o ponto  $B$  para origem, quer não se tome, um numero negativo nem significa uma subtracção nem della provém.

Si não se tomar o ponto  $B$  para origem dos negativos, e si se pretender que este ponto assignale unicamente o ponto de partida da subtracção, como pensam alguns geometras, um negativo que provém de tal operação só pôde ser maior do que zero, levando-se a operação além da origem, ou effectuando-se uma subtracção impossivel, o que evidentemente só pôde ter lugar, si se admittir tambem que subtrahir é fazer uma addição entre duas parcellas em que uma seja negativa. Mas uma vez que se acceitar tal principio, já se tem admittido o ponto  $B$  para origem, ou já se confundio o sentido contrario com o sentido directamente opposto.

Si se tomar o ponto  $B$  para origem e si se disser que  $BA$  é negativo, já se confundio os dois sentidos, e tanto haverá negativos a esquerda do extremo  $B$  como á esquerda da origem  $O$ .

Confundir o sentido contrario, que significa subtracção com o sentido directamente opposto que significa addição, é o mesmo que acceitar o principio acima referido, e neste caso, como no primeiro, um negativo não pode ser maior do que zero, porque pela applicação do principio, já elle era menor.

Assim, partindo-se do abstracto para o concreto, não ha meios de chegar, sem sophisma, a provar que um negativo seja real e muito menos que represente uma grandeza.

Acceituando-se simplesmente o principio de Descartes, como uma necessidade imposta pela complexidade de certos factos geometricos e mecanicos, um numero negativo não pode ser menor do que zero porque no dominio abstracto designa ou lembra uma grandeza que existe no dominio concreto e que se teve necessidade de representar abstractamente, afim de que a linguagem mathematica fosse a mais completa possivel.

Partindo-se do concreto para o abstracto, não se pôde confundir o sentido contrario com o sentido directamente opposto, porque o verdadeiro alcance da instituição da origem foi prohibir tal confusão.

E' assim que, Descartes, se deve vêr no theorema de Carnot relativo á projecção de um contorno poligonal fechado sobre uma recta fixa, um caprichoso exemplo do sentido contrario, porque ahi, não havendo negativos de especie alguma, existe apenas uma addição e uma subtracção, produzidas pelo movimento de um ponto, que pelas interessantes circumstancias do facto conduz a um resultado nullo.

Na instituição das coordenadas, deve-se com o mesmo philosopho, vêr um verdadeiro exemplo do sentido directamente opposto,

e ahi não ha sentido contrario ou subtracção de especie alguma.

Repizar um assumpto esteril como o que nos occupa, torna-se por demais enfadonho para o leitor, mas temos necessidade de abordar a theoria por outro lado, o que faremos na investigação que se segue.

TERTULIANO BARRETO,

1º Tenente de Artilharia.

(Continua)

## A LIVRARIA

ARTISTAS DO MEU TEMPO SEGUIDOS DE UM ESTUDO SOBRE LAURINDO RABELLO — MELLO MORAES FILHO — H. GARNIER — EDITOR.

Vacillo, positivamente. Estou a ver, de dois meios certos, o que me leva ao melhor juizo sobre esse livro. Ha o que eu tiraria do Bocage — está escripto o nome do auctor; estou vingado. E ha este, magnifico: transcrever, nestas columnas, todo o *stock* das pullulantes futilidades esventradas nesse volume. Todo o angustioso mundo provaria, dest'arte, o diabolico pavor de ver, claramente ver, em meio de syncopes e desmaios, um acabado e maravilhoso monumento de coisas vindas numa colligação de asneiras. Mas, em poucas phrases eu digo tudo dessa brochura, as mesmas que diriam sufficientemente da vasta palhada escripta do dr. Mello Moraes. Tambem não é preciso mais a uma noticia, que deve ter, sem orgulho, a proporção do trovador do *bumba-meu-boi*. Si eu visonasse, aqui, outra coisa, de certo, numa intenção de piedade, metteria pelo que elle já tem *arranjado* por conta do que váe fazer no céu das formigas. Mas, como sabem os senhores, o dr. Mello Moraes é desapoderado. Na *cavação* da vida, não ha, não pôde haver forças que o conttenham. Todas as philosophias asseguram-lhe, aliás, esse direito primordial. E eu saio deste principio para louvar a canceira do terrivel *cavador*. E' futil, cruel, malvado; mas, é *cavador*. Eu quereria, porém, que tivesse *modo*; lançasse a munhéca, pegasse o alheio, colhesse em alheias seáras, fizesse livros lamentaveis. Mas, c'os diabos, só fosse isso. Não tem uma obra sua, propria, trabalhada, representando suóres sanctificantes de rosto.

O que se sabe desse malandro de *marráfa* é o prefacio, em pagina e meia de prosa colonial, das escamoteações a que procede, com displante reincidente, dos trabalhos do proximo. E' um sujeito que veio ao mundo viver, impunemente, do que os outros fazem, sabe Deus com que bravuras e sacrificios. Tem escripto, num estylo de archivo, umas anedoctas futeis, sem graça, sem geito, umas anedoctas piadas numa linguagem de bôbo faminto, em tempo de lua, como esses miserimos episodios, sem nexo, sem interesse, sem valor, a que elle chamou — o pulha — *estudo sobre Laurindo Rabello*.

Mal a casa Garnier as poderia estrumar no seu *Almanaque*. Nesse terreno, a colheita não pôde ser constante, nem fértil ao bolso. Atira a rêde ás modinhas populares... e arruma uns volumes formidaveis. Seria, então, um excellente serviço.

Mas, vejam os senhores, é um simples e réles trabalhinho de collecção, tão facil, tão espalhada, tão êrma de critério, como a faría, mansamente, qualquer colleccionador de ferro velho ou de *coupons* de bondes. Não dá uma nota, uma indicação, não rectifica chronologias, não adeanta, siquer, uma classificação, o logar, o tempo. Apanha aqui, acolá, conta as tiras, embrulha-as (embrulha tudo e a todos) e leva-as ao editor, recebe o cóbrê, conta, mette no bolso, e sáe, rua a baixo, as melenas sovando a corcova, e convencido de mais um titulo proximo dessa mesma gloria litteraria que lhe deu uma das fluctuantes cadeiras da Academia de Lettras. Depois, as sandices estancaram... Ahí surge, pois, o dr. Mello Moraes, vário e encantador. Ganha os morros de São Christovão, sapateando, pinotando, á sirga da rapaziada e das meninas. E' atrôa, numá voz que desfaz trombas d'agua, a *Náu Catharinêta*. A cabelleira esfalripa-se, lampejam os seus corrimentos de prata, o azeite; elle encolhe-se, tira trémulos do corpo, espalha-se, embóla... Uma folia. No alto do morro recebe os loiros. Volta a casa, amansa o entusiasmo, dorme; em risos gloriosos, sobre esses loiros e depois... por exemplo, *Artistas do meu tempo*: uma série de paginas onde as anedoctas choutêam, segundo o compasso do mestre no delirio dos *fandangos*: lamurias, tristezas, infortunios, miserias condolentes de *artistas* que elle conheceu. A não ser Carlos Gomes, (o *campineiro maestro*, *campineiro auctor*, *illustre caipira*, etc, como elle lhe chama) Insley Pacheco e João Caetano, os *artistas* valem mais ou menos o dr. Mello Moraes. Que adeantava, portanto, o estudo desse pessoal? E' que valor tem ou pôde ter esse *documento* do auctor? esse estudo de creaturas vulgares, alfarrabistas e musicos e actores banaes, sem typo d'originalidade, de excepção, uns quaesquer sujeitos que só importam a uma intelligencia parallelamente pêca?!

Mas, desprezada essa razão superior, ficaria do livro o estylo, ficariam idéas, ficariam notas daquelle tempo. E' a falta disso o que ha de mais doloroso e commovente nessa brochura. O auctor, habituado ao vicio, desenvolve uma porção apavorante de palavras e conceitos que se podiam facilmente consolidar como leis, como expressão da fraqueza de um espirito. Eu disse, ao começo, que transcrever o livro seria a melhor critica do livro. E' isso impossivel. Mas, é possivel distribuir uns pedacinhos violentamente expressivos. Elle espracou uma divina

imagem para figurar o sr. Insley: « A's vezes, como que coada pelo nevoeiro, uma figura pequena, magra, de cabellos alvos e silenciosos como a neve, de caixa e palheta sobraçadas, lésto, porém, como um caçador de cabritos montezes, volteia as praias, ronda florestas, galga os mamelões negros das restingas, espalhando, perplexo, olhar inspirado... »

— E' o paizagista Insley, que vae surprehender o sol nos braços da alvorada... »

Tem palavras amargas para São Paulo, que « deixou de nos dar poetas e musicos, para offerecer ao Brazil politiquieiros de raso nivel. »

Fala de um librettista italiauo, á casa de quem iam pedir libretto os maestros Gomes e Ponchielli. O librettista chamava-se Chislanzoni, e porque morava ao pé de um lago, o dr. Mello Moraes ficou a lhe chamar « lyrista de *juxta-lago* »! Carlos Gomes é a maior victima do *cavador*: de vez em quando esse maestro é o « promontorio dos idéaes da noite », alvo de « anonymo personagem » que, « em estreita scena, sobre rampa escorregadia e escura, crescêra vesgo. » Esse personagem, « não obstante o disfarce, ninguem o ignorava, pois hontem, mais tarde, agora, a sua denominação foi sempre uniforme — a Inveja. »

O velho cégo Castilho tambem é um « promontorio » « das letras portuguezas. »

Mello Moraes mata a Almeida Reis, um dos artistas do seu tempo, de um modo incrível: « como é calmo e de chumbo o somno dos mortos!... » A sua « vocação poderosa se estiolára neste meio sempre ingrato ao homem de aspirações e de genio que teve a desgraça de nascer no Brazil. »

Paula Britto é outro artista — « o mestiço illustre comprehende-se sobranceiro como os elementos, altivo como um *promontorio*. » O sr. Mello Moraes é uma bahia. Quiz ser padre. E' a nota mais véramente notavel do livro, em cuja pagina de offerecimen-

tos, elle dedica esse livro idéal a Alberto de Oliveira — « o artista das *idealisações* e da forma! »

Mello Moraes é um nome que eu amo porque ainda será motivo de um forte trabalho de expurgo.

WALFRIDO.

UM CAPITULO DO *Esau*: UM GATUNO.

Chegaram ao largo da Carioca, apeararam-se e despediram-se; ella entrou pela rua Gonçalves Dias, elle enfiou pela da Carioca. No meio desta, Ayres encontrou um magote de gente parada, logo depois andando em direcção ao largo. Ayres quiz arrepiar caminho, não de medo, mas de horror. Tinha horror á multidão. Viu que a gente era pouca, cincoenta ou sessenta pessoas, e ouviu que bradava contra a prisão de um homem. Entrou num corredor, á espera que o magote passasse. Duas praças de policia traziam o preso pelo braço. De quando em quando, este resistia, e então era preciso arrastal-o ou forçal-o por outro methodo. Tratava-se, ao que parece, do furto de uma carteira.

— Não furtei nada! bradava o preso detendo o passo. E' falso! Larguem-me! sou um cidadão livre! Protesto! protesto!

— Siga para a estação!

— Não sigo!

— Não siga! bradava a gente anonyma. Não siga! não siga!

Uma das praças quiz convencer a multidão que era verdade, que o sujeito furtára uma carteira, e o desasocego pareceu minorar um pouco; mas, indo a praça a andar com a outra e o preso, — cada uma pegando-lhe um dos braços, a multidão recommçou a bradar contra a violencia. O preso sentiu-se animado, e ora lastimoso, ora aggressivo, convidava a defeza. Foi então que a outra praça desembainhou a espada para fazer um claro. A gente voou, não airosamente, como a andorinha ou a pomba, em busca do ninho ou do alimento, voou

de atropello, pula aqui, pula alli, pula acolá, para todos os lados. A espada entrou na bainha, e o preso seguiu com as praças. Mas logo os peitos tomaram vingança das pernas, e um clamor ingente, largo, desaffrontado, encheu a rua e a alma do preso. A multidão fez-se outra vez compacta e caminhou para a estação policial. Ayres seguiu caminho.

A vozzeria morreu pouco a pouco, e Ayres entrou na Secretaria do Imperio. Não achou o ministro, parece, ou a conferencia foi curta. Certo é que, saindo á praça, encontrou partes do magote que tornavam commentando a prisão e o ladrão. Não diziam ladrão, mas gatuno, fiando que era mais doce, e tanto bradavam ha pouco contra a acção das praças, como riam agora das lastimas do preso.

— Ora o sujeito!

Mas então?... perguntarás tu. Ayres não perguntou nada. Ao cabo, havia um fundo de justiça naquella manifestação dupla e contradictoria; foi o que elle pensou. Depois, imaginou que a grita da multidão protestante era filha de um velho instincto de resistencia á autoridade. Advertiu que o homem, uma vez creado, desobedeceu logo ao Creador, que aliás lhe dera um paraíso para viver; mas não ha paraíso que valha o gosto da opposição. Que o homem se acostume ás leis, vá; que incline o collo á força e ao bel-prazer, vá tambem; é o que se dá com a planta, quando sopra o vento. Mas que abençoê a força e cumpra as leis sempre, sempre, é violar a liberdade primitiva, a liberdade do velho Adão. Ia assim cogitando o conselheiro Ayres.

Não lhe attribuem todas essas ideias. Pensava assim, como se falasse alto, á mesa ou na sala de alguém. Era um processo de critica mansa e delicada, tão convencida em apparencia, que algum ouvinte, á cata de ideias, acabava por lhe apanhar uma ou duas...

Ia a descer pela rua Sete de Setembro, quando a lembrança da vozzeria trouxe a de outra, maior e mais remota.

## THEORIA DOS ERROS

(PRIMEIRAS NOÇÕES)

Em uma série indefinida de erros a probabilidade de um erro  $\Delta$  é infinitesimal e igual á probabilidade de um erro comprehendido entre  $\Delta$  e  $\Delta + d\Delta$ . Seu valor será, pois,

$$P = \frac{h}{\sqrt{\pi}} \int_{\Delta}^{\Delta + d\Delta} e^{-h^2 t^2} dt = \frac{h}{\sqrt{\pi}} e^{-h^2 \Delta^2} d\Delta.$$

Em um conjuncto finito de erros a probabilidade de um erro  $\Delta$  será

$$\frac{h}{\sqrt{\pi}} e^{-h^2 \Delta^2}$$

A formula (8) é fundamental na theoria dos erros, e tal como a

apresentamos, é uma consequencia do theorema de Bernouilli. Existem outros processos de deducção, particularmente o processo de Gauss filiado a um pequeno numero de hypotheses que são verdadeiros postulados. Gauss suppõe:

1º Que a probabilidade de um erro  $\Delta$  é uma funcção deste erro e não da grandeza medida;

2º Que a media de um conjuncto de unidões é o valor mais provavel da medida.

Ambas as hypotheses são susceptiveis das objecções formuladas por Bertrand. Todavia nos casos em que bem precisamente se põem as questões, as difficuldades assignaladas por Bertrand caem de si mesmas.

Repetem-se as medidas de uma mesma grandeza e acham-se os valores

$$\begin{matrix} x & x & x & \dots & x \\ 1 & 2 & 3 & & n \end{matrix}$$

A média será

$$\bar{x} = \frac{x_1 + x_2 + x_3 + \dots + x_n}{n}$$

E' o valor mais provavel segundo o postulado de Gauss.

Um mecanismo conveniente poderia ser adaptado ao instrumento de que o observador se utiliza e dar directamente os quadrados

$$\begin{matrix} x^2 & x^2 & x^2 & x^2 \\ 1 & 2 & 3 & n \end{matrix}$$

O quadrado mais provavel seria

$$\frac{x^2_1 + x^2_2 + x^2_3 + \dots + x^2_n}{n}$$

e a raiz quadrada desta expressão deveria ser igual a  $\bar{x}$ . Não o é, como se sabe.

De um modo geral, ao passo que as grandezas medidas são

$$\begin{matrix} x & x & x & \dots & x \\ 1 & 2 & 3 & & n \end{matrix}$$

têm-se as funções

$$\begin{matrix} f(x) & f(x) & f(x) & \dots & f(x) \\ 1 & 2 & 3 & & n \end{matrix}$$

e pela definição da media seria

$$(9) \quad f\left(\frac{x_1 + x_2 + x_3 + \dots + x_n}{n}\right) = \frac{f(x_1) + f(x_2) + \dots + f(x_n)}{n}$$

Mas a objecção desaparece si reflectirmos que os erros são muito pequenos, que si  $\bar{x}$  é a media, ter-se-ão

$$\begin{matrix} x - \bar{x} = \epsilon \\ 1 & 0 & 1 \\ x - \bar{x} = \epsilon \\ 2 & 0 & 2 \\ x - \bar{x} = \epsilon \\ 3 & 0 & 3 \\ \dots \\ x - \bar{x} = \epsilon \\ n & 0 & n \end{matrix}$$

$\epsilon$   $\epsilon$   $\epsilon$   $\epsilon$  sendo quantidades extremamente pequenas. Tem-se

então pela formula de Taylor

$$\begin{matrix} f(x) = f(\bar{x}) + \epsilon f'(\bar{x}), \\ 1 & 0 & 1 \\ f(x) = f(\bar{x}) + \epsilon f'(\bar{x}), \\ 2 & 0 & 2 \\ f(x) = f(\bar{x}) + \epsilon f'(\bar{x}), \\ 3 & 0 & 3 \\ \dots \\ f(x) = f(\bar{x}) + \epsilon f'(\bar{x}), \\ n & 0 & n \end{matrix}$$

despresando os quadrados e potencias superiores de  $\epsilon$ . Effectuando a somma membro a membro, acha-se

$$\begin{matrix} f(x) + f(x) + f(x) + \dots + f(x) \\ 1 & 2 & 3 & & n \\ = n f(\bar{x}) + f'(\bar{x}) (\epsilon + \epsilon + \epsilon + \dots + \epsilon) \\ 0 & 0 & 0 & & n \end{matrix}$$

Observando que é

$$\epsilon + \epsilon + \epsilon + \dots + \epsilon = 0,$$

virá

$$f(\bar{x}) = \frac{f(x_1) + f(x_2) + \dots + f(x_n)}{n}$$

que é a formula (9). D'ahi se conclue que no caso dos pequenos erros a media não levanta contradicções.

A lei da distribuição dos erros contem e justifica a media. A probabilidade do erro  $\Delta_1$  em um conjuncto de medidas é

$$P_1 = \frac{h}{\sqrt{\pi}} e^{-h^2 \Delta_1^2}$$

A probabilidade de virem os erros  $\Delta_1 \Delta_2 \dots \Delta_n$  é, pelo principio da probabilidade composta

$$P_1 P_2 P_3 \dots P_n = \frac{h^n}{\pi^n} e^{-h^2 (\Delta_1^2 + \Delta_2^2 + \Delta_3^2 + \dots + \Delta_n^2)}$$

Pode-se tornar este producto função de uma só variavel. Sejam com effeito,

$$\begin{matrix} x & x & x & \dots & x \\ 1 & 2 & 3 & & n \end{matrix}$$

as grandezas medidas e  $x$  uma variavel actualmente desconhecida. Contemos os erros commettidos sobre a variavel  $x$ .

Teremos,

$$\begin{matrix} \Delta = x - x \\ 1 & 1 \\ \Delta = x - x \\ 2 & 2 \\ \Delta = x - x \\ 3 & 3 \\ \Delta = x - x \\ n & n \end{matrix}$$

A probabilidade composta será

$$P_1 P_2 \dots P_n = \frac{h^n}{\pi^n} e^{-h^2 \left( \frac{(x_1 - x)^2}{1} + \frac{(x_2 - x)^2}{2} + \dots + \frac{(x_n - x)^2}{n} \right)}$$

e o problema actual consistirá em determinar a posição que deve occupar  $x$  na serie de medidas para que a probabilidade seja um maximum.

E' claro que para isso se deve ter

$$\frac{(x_1 - x)^2}{1} + \frac{(x_2 - x)^2}{2} + \dots + \frac{(x_n - x)^2}{n} = \text{minimum},$$

ou, pelas regras do calculo differencial,

$$\frac{(x_1 - x)}{1} + \frac{(x_2 - x)}{2} + \dots + \frac{(x_n - x)}{n} = 0,$$

d'onde

$$x = \frac{x_1 + x_2 + \dots + x_n}{n}$$

$\bar{x}$  é a media.

Convem precisar a natureza do parametro  $h$  na formula

$$P = \frac{h}{\sqrt{\pi}} \int_0^\epsilon e^{-h^2 z^2} dz.$$

Façamos

$$h z = q ;$$

a formula acima se transforma em

$$P = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_0^{h\epsilon} e^{-q^2} dq$$

Consideremos duas series de medidas, effectuadas em condições differentes. A probabilidade de um erro comprehendido entre  $\epsilon$  e  $0$  na primeira serie é

$$P = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_0^{h\epsilon} e^{-q^2} dq$$

e a de um erro comprehendido entre  $\epsilon'$  e  $0$  na segunda é

$$P' = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_0^{h'\epsilon'} e^{-q^2} dq$$

Si as duas probabilidades são iguaes, temos tantas possibilidades de commetter um erro entre  $0$  e  $\epsilon$  na primeira, como de commetter um erro entre  $0$  e  $\epsilon'$  na segunda.

Mas para que as probabilidades sejam iguaes, basta que se preencha a seguinte condição

$$(10) \quad h\epsilon = h'\epsilon'.$$

Assim, os parametros  $h$  e  $h'$  que são caracteristicos das duas series de medidas, estão na razão inversa dos erros commettidos. D'ahi, a denominação de modulo de precisão dada a este elemento.

Do mesmo modo por que se definiu o afastamento provavel define-se o erro provavel como o erro que tem probabilidade iguaes de ser ou não ultrapassado. Seu valor resulta evidentemente da equação

$$\frac{1}{2} = \frac{h}{\sqrt{\pi}} \int_{-r}^{+r} e^{-\frac{1}{2} h^2 z^2} dz = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-hr}^{+hr} e^{-q^2} dq,$$

que conduz a

$$(11) \quad hr = 0.47693$$

Consideremos uma serie de observações, immensamente grande ou mesmo infinita, cujos erros positivos sejam

$$\begin{matrix} \Delta & \Delta & \Delta & \dots & \Delta \\ 1 & 2 & 3 & & n \\ \Delta & = & \Delta & + & d \\ i+1 & & i & & i \end{matrix}$$

podendo ser  $n$  infinito e portanto